UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CAMPUS DE CAJAZEIRAS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: TEORIAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

ADRIANA DUARTE DE SOUSA

O PAPEL DA EJA NO PROCESSO DE SUPERAÇÃO DO ANALFABETISMO NA CIDADE DE SANTA CRUZ - PB.

Cajazeiras - PB
2013

ADRIANA DUARTE DE SOUSA

O PAPEL DA EJA NO PROCESSO DE SUPERAÇÃO DO ANALFABETISMO NA CIDADE DE SANTA CRUZ - PB.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação: teoria e práticas educativas, da Unidade Acadêmica de Educação, Centro de Formação de professores, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito para obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes

Cajazeiras – PB
2013



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

ADRIANA DUARTE DE SOUSA

O PAPEL DA EJA NO PROCESSO DE SUPERAÇÃO DO ANALFABETISMO NA CIDADE DE SANTA CRUZ - PB.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes
Orientador

_____

Profª. Drª. Elzanir dos Santos
Examinadora

_____

Prof. Dr. José Amiraldo Alves
Examinador

MONOGRAFIA APROVADA EM _____/_____/_____

Cajazeiras – PB

2013

Dedico este trabalho a Deus, força motivadora que me fez chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que em todos os momentos em que eu quis desistir fazia-me sentir que eu seria capaz e que nenhum obstáculo poderia impedir-me de galgar mais uma conquista. Ao olhar para trás, vejo em minha mente todo esse percurso... Não foi fácil!

Por trás desse trabalho, há todas as pessoas que contribuíram para que fosse possível realizá-lo e hoje se encontram sorridentes por essa vitória. Gostaria de agradecer a todos e em especial:

À minha querida mãe, Maria Lindalva, uma mulher virtuosa, uma mãe amorosa, uma bênção em minha vida, que mesmo sem entender direito o que eu estava fazendo, (pesquisando, entrevistando, perguntando e indo a campo em busca de dados e de fundamentação para este trabalho), sempre me apoiou, fazendo o que ela sabe fazer de melhor: cuidar de mim. Ao meu pai, Bráz, e meus irmãos, Alberto e Alda, pelo amor e apoio.

Ao professor Dorgival Gonçalves Fernandes, cuja orientação e ensinamento tornaram o processo de escrever bem prazeroso.

Aos professores da especialização pelas horas tão agradáveis de ensinamentos e aprendizagens.

Aos amigos, sujeitos deste trabalho, que compartilharam suas histórias de vida e ofereceram parte do seu tempo para que este trabalho fosse realizado.

Aos colegas da turma do Curso de Especialização em Educação: teorias e práticas educativas.

Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra. E te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível que lhe deres: Trouxeste a chave?

(Carlos Drummond de Andrade)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....09

CAPÍTULO I

1.1. EJA: Referências teóricas e históricas.....14

1.2. Questões conceituais da Educação de Jovens e Adultos.....18

1.3 As contribuições da EJA: Da exclusão à inclusão social.....21

1.4 A educação de jovens e adultos: possibilidade de superação.....23

1.5 Educação de jovens e adultos no Brasil: Avanços e desafios.....26

CAPÍTULO II

2. Percurso Metodológico.....30

2.1 A coleta de dados.....31

2.2 A Análise de Conteúdo.....34

2.3 Caracterização do contexto estudado: O município de Santa Cruz – PB.....35

CAPÍTULO III

3. SUPERAÇÃO DO ANALFABETISMO E SUCESSO ESCOLAR NA EJA: Histórias de vidas e representações.....37

CONCLUSÃO.....50

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....53

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no processo de superação do analfabetismo, bem como conhecer os sujeitos nele envolvidos, através das experiências vivenciadas, representações e expectativas, buscando compreender como se deu este processo e assim traçar o perfil de alunos jovens e adultos que venceram a barreira do analfabetismo e se destacam através do exemplo de sucesso escolar da EJA, na cidade de Santa Cruz–PB. Analisamos fatores que contribuíram para motivar os alunos a concluir seus estudos e investigamos os elementos que colaboraram para o sucesso na alfabetização. Além disso, dialogamos com teóricos da EJA, tais como: Fernandes (2003), Paiva; Machado e Ireland (2004), Vóvio e Ireland (2008) entre outros. O estudo foi realizado através de uma pesquisa qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados o questionário, a entrevista e narrativas de história de vida para uma maior compreenção acerca da temática. O material coletado na pesquisa foi tratado de acordo com os referenciais da Análise de Conteúdo. Através desses dados, buscamos compreender as representações sociais dos ex- alunos da EJA acerca do papel da EJA no processo de superação do analfabetismo presentes no conteúdo de suas falas: as significações sobre papel da EJA para a superação do analfabetismo, as representações acerca do analfabetismo. E por fim, apresentamos algumas conclusões sobre a temática onde buscamos relacionar as representações sociais dos sujeitos entrevistados com a questão da superação do analfabetismo através da Educação de jovens e adultos.

Palavras-chaves: Educação de jovens e adultos, superação do analfabetismo, representação social.

ABSTRACT

The present study aims to reflect on the importance of Education for Youth and Adults (EJA) the process of overcoming illiteracy, as well as knowing subjects involved in it, through experiences, representations and expectations, trying to understand how was this process and so to profile students and young adults who overcome the barrier of illiteracy and stand out through the example of school success EJA in Santa Cruz-PB. Analyze factors contributing to motivate students to complete their studies and investigate the elements that contributed to success in literacy. Further dialogue with theorists EJA such as: Fernandes (2003), Paiva, Machado and Ireland (2004), Vóvio and Ireland (2008) among others. The study was conducted through a qualitative research, and as an instrument of data collection the questionnaire, the interview narratives and life history for a greater understanding, on the theme. The material collected in the survey was treated according to the references of Content Analysis. Through these data we seek to understand the social representations of alumni EJA about the role of adult education in the process of overcoming illiteracy present in the content of their speech: the role of meanings about EJA to overcome illiteracy, representations about illiteracy. Finally, we present some conclusions about the subject where we seek to relate the social representations of the individuals with the issue of overcoming illiteracy through education of youth and adults.

Keywords: Youth and adults, overcome illiteracy, social representation.

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema O papel da EJA no processo de superação do analfabetismo na cidade de Santa Cruz–PB, originou-se, primeiramente, pela curiosidade de conhecer o papel social da Educação de Jovens e Adultos e a sua importância no processo de superação do analfabetismo na cidade de Santa Cruz- PB. Assim, o presente trabalho toma como objeto de estudo os ex-alunos da Educação de jovens e adultos, que por meio da EJA e dos programas vinculados à alfabetização de adultos, conseguiram superar o analfabetismo. A pesquisa tem a intenção de mostrar as possibilidades de superação da condição de analfabeto, por parte dos alunos e alunas dessa modalidade de ensino, e analisar tal processo de superação, explicitando-o, através de relatos orais e experiências vivenciadas por alunos que estudaram na modalidade EJA, venceram as dificuldades educacionais e hoje se destacam na sociedade.

A escolha do tema estudado surgiu a partir do relato oral de um ex- aluno da EJA que superou todas as dificuldades e conseguiu concluir o nível superior de ensino e ocupar cargo de destaque na Universidade Federal da Paraíba, no Campus de Areia. Seu Antônio Coelho Lemos é natural da cidade de Areia e sempre nos contava sobre a sua história de vida e a importância que a educação teve em sua vida. Quando criança, por causa das dificuldades financeiras, nunca teve oportunidade de frequentar a escola. Além disso, não tinha apoio da família, porque a educação, no tempo da sua infância, não tinha relevância para a sua vida, sua necessidade era apenas o trabalho no campo, único meio de subsistência da família de seu Antônio. Um dos maiores desejos de seu Antônio era poder ler a Bíblia e não ter essa capacidade deixava-o triste e humilhado. Certo dia, já adolescente, disse ao seu pai que não queria mais capinar. Com isso, seu pai irritado, repreendeu-o dizendo: "a sua caneta sempre será o cabo da enxada, filho de pobre não tem esse luxo, não!".

Seu Antônio, já casado, aos 28 anos, morando na cidade, começou a sentir as dificuldades de ser analfabeto, e decidiu estudar. Aprendeu a ler e a escrever na Educação de Jovens e Adultos. Trabalhando como diarista na UFPB, campus de Areia, ouviu falar sobre um concurso para provimento de vagas, foi então que ele decidiu estudar para esse concurso, onde obteve a aprovação. A partir de então, sua vida começou a mudar, a EJA lhe proporcionou melhoras na qualidade de vida dele em todos os sentidos.

A história de vida acima citada apresenta-se assim como ponto de reflexão e questionamento para pensarmos, de um lado, sobre o sucesso na Educação de Jovens e Adultos e, de outro lado, se de fato esta modalidade de ensino, considerando-se a sua

intencionalidade disposta na legislação educacional vigente, está contribuindo com eficiência para a superação do analfabetismo, ou se está apenas "tapando o sol com a peneira".

Sabemos que a EJA tem sido objeto de diversos estudos e há muito tempo é discutida através de pesquisas, a partir das quais têm florescido discussões sobre a evasão escolar, o descaso dos governos, a falta de estrutura pedagógica, entre outros problemas que enfrenta. Mas será que nada de bom foi feito desde o reconhecimento da EJA como modalidade de ensino? Alguns questionamentos serão pontuados nesta pesquisa a fim de analisar a perspectiva dos alunos e, posteriormente, analisar o processo de superação do analfabetismo, por meio das possibilidades oferecidas pela EJA.

A educação de Jovens e Adultos dispõe de algumas particularidades e não pode ser comparada com o ensino regular e muito menos com a alfabetização de crianças, pois os alunos da EJA são dotados de peculiaridades e portadores de saberes, mesmo sendo estigmatizados devido a fracassos escolares anteriores e marcas sociais e econômicas específicas.

Nessa perspectiva, podemos pensar o aluno da EJA como um produtor cotidiano de riqueza cultural, de saberes importantes para a sociedade e não, apenas, um ser desprovido de saberes. O público atendido pela EJA é formado por agricultores, domésticas, manicures, mecânicos, serralheiros, pescadores, aposentados, desempregados, entre outros. Em sua maioria, estes veem na educação um sentido e uma oportunidade de efetuar seus estudos e assim, melhorar enquanto cidadão e profissional.

De acordo com a Lei de Diretrizes de Bases da Educação (LDB nº. 9.394/96), no artigo 37, § 1º, lê-se que a EJA dispõe de oportunidades educacionais apropriadas, considerando as "características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho." Assim, a EJA deve abordar em sua estrutura curricular conteúdos relacionados com a realidade e interesses do aluno, partindo do princípio básico da proposta de educação de jovens e adultos de que o conhecimento prévio trazido das experiências vividas serve como principal estratégia de aproximação do aluno com a leitura da palavra e do mundo. A EJA deve, portanto, contemplar o aluno jovem e adulto no que diz respeito a sua vida, sua cultura, condições de trabalho e, acima de tudo, a luta pela superação do analfabetismo.

A flexibilidade curricular é muito importante para o acesso e permanência dos alunos da EJA, pois o cansaço e a fadiga do cotidiano desses alunos jovens e adultos trabalhadores são um fator preponderante no percurso educacional. Assim, é necessário respeitar o aluno da EJA nos seus processos e tempos de aprendizagem, através do emprego de metodologia adequada, uma metodologia que considere a sua vida cotidiana e sua cultura.

Os alunos jovens e adultos que frequentam os programas de Educação de Jovens e Adultos são predominantemente trabalhadores que lutam para superar suas condições precárias de vida, sejam elas relacionadas a emprego, salário, ou relacionadas ao desejo de conhecimento. Estes buscam melhorar a sua qualidade de vida, através da educação.

Nesse sentido, a Educação de Jovens e Adultos tem o papel de promover o pleno desenvolvimento humano, promovendo melhores qualificações tanto profissionais quanto pessoais que orientarão novas visões na vida social, cultural, econômica. Assim, essa modalidade de educação, de acordo com a organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, UNESCO (2010, p. 08)

> Emancipa os adultos, dando-lhes conhecimentos e competências para melhorar suas vidas. Mas também beneficia suas famílias, comunidades e sociedades. A educação de adultos desempenha um papel crucial na redução da pobreza, na melhoria da saúde e da nutrição e na promoção de práticas ambientais sustentáveis.

Diante dessa afirmação, buscaremos nessa pesquisa compreender como a Educação de Jovens e Adultos tem, de fato, contribuído com a emancipação dos adultos e com o seu desenvolvimento social, atuando na redução do analfabetismo e na melhoria de vida que a educação deve proporcionar através das práticas educativas da EJA, evidenciando o sucesso dos alunos jovens e adultos que romperam diversas dificuldades. Dentre estas destacamos o analfabetismo, buscando evidenciar a perspectiva de transformação e melhoria de vida que esta modalidade de ensino pode propiciar.

Há uma grande preocupação por parte do governo e da sociedade civil em erradicar o analfabetismo, pois a educação é um direito universal, porém explicitamente negado a uma parcela significativa dos brasileiros. Pensando nisso, a UNESCO estimula cooperação internacional necessária para desenvolver a educação de pessoas adultas, promovendo reuniões através das Conferências Internacionais de Educação de Adultos (CONFINTEAs) para discutir e buscar soluções para superar o analfabetismo e produzir melhorias para a EJA, já que alguns dados estatísticos recolhidos pelos Censos educacionais apresentam os frágeis avanços da alfabetização de jovens e adultos que não superaram as expectativas preconizadas no último encontro pela UNESCO, definido por documentos que estabeleciam compromissos dos países em relação à EJA.

Neste trabalho enfatizaremos a EJA enquanto modalidade que tem um grande potencial de desenvolvimento e sua responsabilidade em efetivar os direitos concernentes aos sujeitos da educação de jovens e adultos, destacando casos de alunos bem sucedidos na EJA, que conseguiram vencer o analfabetismo e mudar de vida através do conhecimento. Mas isso

não significa dizer que a EJA atingiu a perfeição, e nem que a EJA está fadada ao fracasso, como muito se tem propagado socialmente, e sim, explorar suas potencialidades.

Partindo dessa perspectiva, iremos destacar na EJA a relevância social desta modalidade, segundo a visão de jovens e adultos que estudaram na Educação de Jovens e Adultos, buscando identificar a representação social dessas pessoas em relação ao analfabetismo, à sociedade, à educação, e o que a EJA representa na vida dessas pessoas, após aprenderem a ler e a escrever e concluírem parte dos estudos, bem como os fatores que contribuíram para o acesso, a permanência e a superação do analfabetismo. É nessa perspectiva que elaboramos os objetivos para esta pesquisa, postos abaixo.

OBJETIVO GERAL:

- Analisar o processo de superação da condição de analfabetos de ex-alunos da Educação Jovens e Adultos na cidade de Santa Cruz - PB.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Traçar o perfil dos alunos da EJA.
- Identificar fatores que contribuíram para motivar os alunos a concluírem seus estudos.
- Investigar os elementos explicativos sobre o sucesso na alfabetização.
- Compreender as representações sociais de ex-alunos da EJA que obtiveram sucesso escolar sobre o analfabetismo e o papel da Educação de Jovens e adultos.

Nessa perspectiva, buscaremos apreender as opiniões, percepções e os ideais dos alunos em relação aos estudos, considerando que tais elementos compõem a construção da realidade desses alunos. Tais elementos estarão presentes em seus relatos de vida, configurando sua visão de mundo em relação à EJA, constituindo assim suas representações sociais.

A presente monografia está estruturada em introdução, três capítulos, e conclusões. No primeiro capítulo consta o referencial teórico que norteia as nossas reflexões neste estudo e diz respeito às bases históricas da EJA no Brasil, destacando os fatos sociais e políticos que marcaram a educação de jovens e adultos e por meio de uma visão retrospectiva da construção do analfabetismo, apresenta questões conceituais da Educação de Jovens e adultos; aponta as contribuições da EJA na perspectiva da inclusão social e na possibilidade de superação do analfabetismo por meio da EJA. Será exposta também, neste capítulo, uma visão prospectiva

da EJA traçada a partir da Conferência Internacional de jovens e Adultos em Hamburgo, na Alemanha, em 1997.

O segundo capítulo assinala os procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa, especificando todo processo metodológico utilizado para a elaboração deste estudo, demonstrando os instrumentos de coleta de dados e o método de estudo empregado: a análise de conteúdo, bem como descrições acerca dos sujeitos estudados, suas histórias de vida e a região/cidade onde se desenvolveu a pesquisa.

No terceiro capítulo empreendemos uma análise sobre os dados coletados na pesquisa refletindo sobre as histórias de vidas e as representações dos sujeitos pesquisados que superaram o analfabetismo e obtiveram sucesso escolar na educação de jovens e adultos.

E por fim, nas considerações finais, sintetizamos algumas reflexões realizadas, ao longo do texto, a fim de fornecer subsídios que possam contribuir com a ampliação do conhecimento sobre a temática e, assim, servir de apoio acadêmico e profissional para os que se dedicam ao trabalho no campo da EJA.

CAPÍTULO I

1.1 EJA: referências teóricas e históricas

No Brasil, a educação de jovens e adultos (EJA) constitui-se como tema bastante relevante, pois se trata de um direito que foi por muito tempo negligenciado. A modalidade EJA tem sua primeira iniciativa sistemática com relação à educação básica a partir dos anos 1930, quando o direito à educação torna-se gratuito e obrigatório. Diante disso, o alto índice de analfabetos no país surge como problemática, bem como o dever de reverter ou amenizar esse quadro.

Dados históricos comprovam que o analfabetismo deu-se por fatores políticos e ideológicos, datados no início da educação formal criada pelos Jesuítas e que se estende até os dias de hoje. O Brasil nasceu e cresceu em condições negativas para as experiências educacionais, haja vista que a educação no regime colonial, comandada pelos Jesuítas, objetivava a formação de religiosos. E a princípio foram fundados vários colégios religiosos, somente para formação de padres. A educação dos Jesuítas tinha como objetivo principal a colonização e a dominação dos nativos por meio da catequese. Nesse sistema educacional, são tecidas características de um processo hegemônico de educação escolar baseado em interesses elitistas.

Por dois séculos a educação Jesuítica predominou no Brasil. Segundo Ghiraldelli Jr. (2006, p.26),

> Aos Jesuítas coube praticamente o monopólio do ensino escolar no Brasil [...]. Os colégios Jesuítas tiveram grande influência sobre a sociedade e sobre a elite brasileira. Não foram muitos, diante da necessidade da população. Todavia, foram suficientes para gerar uma relação de respeito entre os que eram donos das terras, e os que eram donos das almas.

Nesse período a educação formal não tinha tanta importância social, porque a economia da época girava em torno da agricultura e as necessidades de escolarização do povo foram suprimidas, e consequentemente, o analfabetismo crescia em grande escala.

A partir da década de 1930, a temática da educação de jovens e adultos passa a ser discutida quando começa a se consolidar um sistema público de educação elementar no país. O país, nesse período, passava por transformações, desenvolvendo o processo de industrialização, que consequentemente estimulou a emigração da população rural aos centros urbanos em busca de melhores condições de vida. Para tanto, a industrialização exigia pelo

menos o mínimo de escolaridade, o que faz a oferta de ensino básico gratuito ser ampliada, impulsionada pelo governo federal, pois era necessário incrementar a economia do país integrando ao setor urbano mão de obra qualificada para trabalhar nas crescentes indústrias brasileiras. Por outro lado, nesse mesmo período, jovens intelectuais influenciados por uma nova visão educacional, formulam um documento de importância histórica para a educação brasileira: O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932.

Esse documento acentua a necessidade de reconstrução educacional pautada na democratização da educação, cujo foco principal era uma educação pública de qualidade e igualitária, pois os altos índices de analfabetismo declaravam que por anos o ensino foi monopolizado e diferenciado entre as diversas classes sociais. A partir de então, as discussões em torno da educação de jovens e adultos foram levantadas a fim de minimizar a disparidade educacional entre as classes sociais.

A educação de Jovens e adultos passa a ser entendida como uma modalidade de ensino urgente, diante da necessidade de alfabetização da população. Em 1947, iniciativas concretas são intencionadas pela preocupação de oferecer escolarização às amplas camadas da população até então excluídas, assim é lançada a Campanha de Educação de Jovens e Adultos voltada a atender os analfabetos de todo país.

Essa Campanha tinha como objetivo a alfabetização dos adultos, como peça fundamental na elevação dos níveis educacionais do país. Na tessitura das ideias, o analfabetismo passa a representar a causa do subdesenvolvimento e os sujeitos dessa modalidade são estereotipados como incapazes e marginalizados. É partindo desse entendimento que foram formando-se representações sociais do analfabeto com sentido pejorativo, como a causa do atraso do desenvolvimento e não como consequência de uma política educacional elitista e discriminatória.

A Campanha de 1947 despertou no Brasil a reflexão sobre o analfabetismo e suas consequências na sociedade e no indivíduo analfabeto, entretanto, nenhuma proposta metodológica específica para a alfabetização nem um paradigma pedagógico para a educação de jovens e adultos foram, até este momento, efetivados com sucesso. É em 1960, com Paulo Freire, que se começou a elaborar um paradigma com metodologias de ensino voltadas para a alfabetização de jovens e adultos excluídos do sistema educacional.

O paradigma pedagógico que se delineava, direcionava a necessidade de uma educação crítica, voltada para transformar a sociedade e não apenas para adaptar a população para as mudanças sociais de transição da economia, baseada na agricultura, para a industrialização e novas tecnologias exigidas pelo sistema capitalista. O objetivo principal

desse novo paradigma educacional era a conscientização da população através do conhecimento. A educação, segundo os métodos freireanos, pretendia formar cidadãos conscientes e engajados politicamente, baseada num método de alfabetização centrado no diálogo.

A imagem do aluno jovem e adulto incapaz e marginalizado fica atenuada diante das propostas pedagógicas de Paulo Freire. A educação, nesse sentido, volta-se para o seu real sentido que é atender a todos e em todos os lugares, para o pleno desenvolvimento humano e social.

> Desprendendo-se dos interesses de classes, a que ela tem servido a educação [...] deixa de construir um privilégio determinado pela condição econômica e social do indivíduo. A educação nova, alargando a sua finalidade para além dos limites das classes, assume, com uma feição mais humana, a sua verdadeira função social, preparando-se para formar "hierarquias democráticas" [...] recrutadas em todos os grupos sociais, a que se abrem as mesmas oportunidades de educação. (GHIRALDELLI JR, 2006, p.231).

Nesse período, a educação de jovens e adultos dirigia-se para uma educação com caráter político, como prática de liberdade. Para isso, seria necessário um processo educativo que interferisse na estrutura social que produzia o analfabetismo. Os educandos da EJA passam a ser vistos como pessoas produtivas e possuidoras de cultura. O intuito de Paulo Freire era que através do diálogo no processo de aprendizagem o educando desenvolvesse uma consciência crítica, que deveria ser comprometida com o desenvolvimento político e econômico do país em bases democráticas.

Nessa perspectiva, o objetivo era levar o educando a assumir-se como sujeito da sua aprendizagem, ativo e produtor de cultura, capaz e responsável por superar todos os estigmas causados pelo analfabetismo. Paulo Freire contrariou todo sistema educacional vigente elaborando propostas mais críticas contra a educação tradicional, autoritária e elitista herdada de uma sociedade colonial escravista.

O método Paulo Freire seguia etapas norteadoras no processo que começava pelo levantamento do universo vocabular retirado do cotidiano do alfabetizando, e através de conversas informais o educador observava os vocábulos mais usados pelos alunos e esses serviriam de base para a alfabetização. Estas palavras são chamadas de palavras geradoras, que passam a ser estudadas através da divisão silábica, similar à alfabetização tradicional, mas com caráter mais politizado, pois um ponto fundamental do método Paulo Freire é a discussão sobre diversos temas, surgidos a partir das palavras geradoras. Segundo o método freireano, alfabetizar não é apenas codificação e decodificação das letras, mas é utilizar esta aprendizagem no cotidiano, promovendo assim a conscientização, a compreensão do mundo e

o conhecimento da realidade social. "O trabalho educativo na educação de jovens a adultos deve ser feito 'com' o homem e não 'para' o homem" (GALVÃO E PIERRO, 2007, p.45).

A alfabetização, com ênfase na dimensão política, foi desativada sob a repressão do golpe militar de 1964, por ser considerada uma grande ameaça para a ordem instituída pelo regime militar. Os movimentos de educação popular e a alfabetização com propostas de conscientização foram duramente reprimidos e o seu mentor, Paulo Freire, exilado. Era evidente que o regime militar não aceitaria a proposta educacional de Freire, haja vista a sua função política e sua efetiva colaboração na conscientização da população jovem e adulta analfabeta sobre os seus direitos de cidadania, principalmente o direito à educação.

No período militar, no ano de 1967, a Educação de Jovens e Adultos assume um papel conservador e assistencialista, com metodologia sem a dimensão crítica e problematizadora, e material didático padronizado para todo o país. A partir de 1969, o governo criou o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). O Mobral foi um programa de alfabetização de adultos controlada pelo governo, cuja intenção seria uma alfabetização mecânica e rápida a fim de que as pessoas adquirissem técnicas de leitura, escrita e cálculo. Esse programa visava apenas uma alfabetização funcional dentro de uma educação voltada simplesmente ao conhecimento dos códigos de leitura e escrita, sem uma preocupação maior com a formação cidadã do homem. Essa percepção é referendada por Galvão e Pierro (2007, p.48):

> Utilizam, para isso, um mesmo livro em todo Brasil, que apresenta palavras-chaves [...]. Nele podem ser lidas mensagens que enfatizam a necessidade do esforço individual do educando para que se integre ao processo de modernização e desenvolvimento do país.

O MOBRAL passou por muitas críticas em relação aos resultados apresentados, pois os números mostravam a insuficiência do programa que era incapaz de promover, de fato, a aprendizagem eficaz, ficando no domínio rudimentar do "desenhar" o nome. Os dados estatísticos não passavam de falácias e o motivo disso seria apenas com o intuito de "preservar a imagem externa do país, importava também reduzir as estatísticas de analfabetismo, mostrando à comunidade internacional que o Brasil estava '*erradicando a vergonha nacional*'". (GALVÃO E PIERRO, 2007, p.49).

Dasacreditado nos meios políticos e educacionais, o MOBRAL foi extinto em 1985, dando lugar à Fundação Educar. A década de 80 foi marcada por importantes mudanças socias e políticas, e com o fim do governo militar e a retomada do processo de democratização, a promulgação da Constituição Federal em 1988 contribuiu para a valorização da EJA, com uma nova pauta para essa modalidade. Esta passa a ser vista como

um direito amplificado na educação básica, confirmado no Art. 208, inciso I, da Constituição: "O ensino fundamental obrigatório e gratuito, incluindo oferta gratuita para todos que não tiveram acesso na idade própria."

Nesse sentido, os jovens e adultos passam a ser reconhecidos como sujeitos possuidores de direitos educacionais, todavia, nesse período, houve pouco investimento na educação, especialmente para a educação de jovens e adultos devido à crise econômica que atingiu os anos 80, não havendo desenvolvimento nem ações governamentais em relação à EJA, a educação passa por um período de estagnação.

Os anos 90 foram marcados por relevantes acontecimentos políticos e sociais. Em tal período, segundo Pierro, Joia, Ribeiro (2001, p.7) a EJA sai da condição marginal e inferior à modalidade de educação básica, tornando-se alvo dos olhares acadêmicos e da sociedade, de forma mais ampla. Para a educação de jovens e adultos, novas políticas públicas educacionais foram criadas nesse período.

A EJA, e em particular o analfabetismo, passam a ser pauta de discussões em todo o mundo, haja vista que o analfabetismo reflete a desigualdade social e uma enorme dívida histórica dos países referente à educação. A preocupação dos países e dos governantes com o analfabetismo gerou um documento no qual se destacou a educação como um direito fundamental de todas as pessoas, em qualquer idade, no mundo inteiro. Este evento, a realização da Conferência de Educação para Todos em Jomtiem, Tailândia, em 1990, patrocinado pelo UNICEF, foi uma preliminar da Declaração de Hamburgo, ocorrida em 1997 (V CONFINTEA), e que até os dias atuais serve de orientação para fundamentar as políticas públicas para a educação em todo o mundo.

1.2 Questões conceituais da Educação de Jovens e Adultos

A Educação de Jovens e Adultos é identificada como uma modalidade de educação que tem entre seus objetivos a eliminação do analfabetismo. A análise e o aprofundamento dessa prática tornam evidentes que, mais do que eliminar o analfabetismo, ela contém questionamentos tanto no campo pedagógico, quanto político, social, econômico e intelectual.

A falta de escolarização é vista negativamente pela sociedade. É algo que identifica alguém de forma pejorativa, pois além de não saber ler, escrever, o analfabeto é considerado como alguém que não é capaz, como alguém despreparado, não informado, enfim, marginalizado.

Pessoas são consideradas analfabetas quando incapazes de ler e escrever pelo menos um bilhete simples, ou quando, depois de aprender a ler e a escrever, sem praticar a leitura e a escrita, perderam a habilidade adquirida, como também as pessoas que apenas assinam o próprio nome porque aprenderam a desenhá-lo. Mas o analfabetismo não pode ser confundido com ignorância, haja vista que aquele conceito foi socialmente propagado por muitos anos, mas segundo a UNESCO,

> Uma pessoa analfabeta é aquela que não pode participar de todas as atividades nas quais a alfabetização é requerida para uma atuação eficaz em seu grupo e comunidade, e que lhe permitem, também, continuar usando a leitura, a escrita e o cálculo a serviço do seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento de sua comunidade. (VÓVIO e IRELAND, 2008, p.11)

Quanto mais se fala em crise econômica e social, mais a EJA aparece com relevância social e política na sociedade, pois não se pode falar em crescimento econômico de um país se as taxas de analfabetismo são altas, o que evidencia um *déficit* social. Um dos principais motivos de incentivo à educação nos países é que esta está voltada à capacitação para o mercado de trabalho, principal exigência do sistema capitalista e da globalização. Esta produziu mudanças nos padrões de produção, e ocasionou um desemprego crescente que levou os países a pensar em políticas educacionais mais eficientes, de modo a permitir que as pessoas desenvolvam suas habilidades educacionais e possam participar do mercado de trabalho e da geração de renda.

A educação de jovens e adultos ocorre num panorama de desafios que exige uma concepção de educação muito mais ampla do que se apresenta a educação formal. A história da EJA e dos seus sujeitos incita a luta pelos direitos, exige uma educação baseada na construção do conhecimento, que aponte para a problematização e para o aprendizado ao longo da vida. A educação deve ser vista como um direito e não apenas como campo de ideais mercantilistas, corroborando com o exposto no 1° ponto da Declaração de Hamburgo sobre a Educação de Adultos, onde se afirma que a educação deve ser centrada no ser humano como um todo, sendo que a educação pode "modelar a identidade do cidadão e dar um significado à sua vida". (PAIVA, MACHADO e IRELAND, 2004, p. 41):

> [...] reafirmamos que apenas o desenvolvimento centrado no ser humano e a existência de uma sociedade participativa, baseada no respeito integral aos direitos humanos, levarão a um desenvolvimento justo e sustentável. A efetiva participação de homens e mulheres em cada esfera da vida é requisito fundamental para a humanidade sobreviver e enfrentar os desafios do futuro.

A educação de jovens e adultos apresenta muitas variações ao longo do tempo, demonstrando estar fortemente ligada às transformações sociais, políticas e econômicas que caracterizam os diferentes momentos históricos do Brasil. Desse modo, podemos dizer que a EJA foi constituída historicamente pelas contradições sociais existentes no país, pois o caráter principal para criação da modalidade de educação voltada para o público adulto era caracterizado pelo assistencialismo compensatório, ou seja, foi concebido na intenção de suavizar a falta de uma educação de qualidade, que responderia às necessidades educacionais de jovens e adultos.

Ao longo da história da educação brasileira podemos observar a preocupação dos teóricos em atender os sujeitos sociais que não tiveram os seus direitos educacionais atendidos, e por inúmeros motivos viam-se excluídos do sistema educacional brasileiro. De modo geral podemos dizer que a educação de jovens e adultos visa a um público cuja principal característica é a faixa-etária, seguido pelas desigualdades sociais e muitos de fracassos escolares que marcam suas trajetórias pessoais.

A importância da Educação de jovens e adultos extrapola os aspectos educacionais, pois os alunos dessa modalidade de educação carregam consigo o estigma do insucesso, mas possuem uma perspectiva de recomeço. Isso faz com que eles cheguem à escola trazendo seus conhecimentos, saberes e cultura, muitas vezes conflitantes com os conhecimentos escolares. Dessa forma, os alunos da EJA possuem perfis bastante diferenciados (idades diversas, culturas, origens e etnias diferentes e possuem saberes já constituídos em várias instâncias da vida), mas tendo em comum a vivência da situação de exclusão.

As histórias geralmente refletem-se nas desigualdades sociais, nas condições de acesso à escola e extensão da escolaridade. São crianças e jovens que se viam obrigados a trabalhar para ajudar na renda familiar, dificultando assim o acesso, a permanência e o progresso na escola. A falta de acesso a uma educação de qualidade e o sentimento de não pertencer à cultura escolar são marcas permanentes na vida desses alunos. E não saber ler e escrever passa a estigmatizar os alunos da EJA como um sinal de pobreza, "um símbolo da condição de subalternidade." (GALVÃO e PIERRO, 2007 p.18)

A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino amparada por garantias legais e voltada para pessoas que não tiveram acesso ao ensino regular na idade apropriada. Essa dificuldade de frequentar a escola pode ter acontecido por motivos financeiros, sociais ou culturais, mas seja qual for o motivo, essas pessoas não tiveram acesso ao sistema educacional e carregam esse estigma na vida e no retorno à escola (quando este acontece).

1.3 As contribuições da EJA: Da exclusão à inclusão social

Ao se falar de superação do analfabetismo, remetemo-nos a pensar sobre a evasão escolar na EJA, que tem se apresentado como um grande empecilho para o sucesso nesta modalidade. A problemática da evasão escolar na EJA tem despertado uma grande preocupação, haja vista que esse problema configura-se em todo território nacional, como afirma Ireland (2009, p.20). Dados da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade mostram que a evasão no Ensino Fundamental na EJA chega a 20%.

Os alunos que vivenciaram fracasso escolar geralmente voltam à escola devido a várias tentativas frustradas de incluir-se socialmente no mercado de trabalho. Diante dessa necessidade, em meio ao próprio despreparo, o aluno da EJA vê-se obrigado a voltar aos bancos escolares para se qualificar e mudar de condição social. Os alunos da EJA geralmente são pessoas oriundas do campo, cidades pequenas, nascidos em família numerosa e muito pobre, e que para sobreviver, precisam trabalhar cedo, impossibilitando, muitas vezes, os estudos.

Sua volta à escola fundamenta-se exclusivamente em uma necessidade social, como afirma Fernandes (2004, p. 44), a escolarização é "entendida pelos educandos jovens e adultos como um importante fator de promoção social." E quando efetivamente suas expectativas não são atingidas com relação à aprendizagem, estes evadem.

A evasão escolar na EJA e nos programas vinculados a alfabetização de adultos, denuncia um amplo problema das políticas educacionais voltadas a essa modalidade de ensino em nosso país, tais como: desqualificação profissional, o despreparo da escola, sem assistência pedagógica adequada, entre outros. Galvão e Pierro (2007, p.52) reforçam essa afirmação quando salientam que a ideia de que o alfabetizador de adultos pode ser qualquer pessoa de "boa vontade", que esteja disposta a "ajudar", e não um profissional com formação qualificada coloca mais uma vez a alfabetização de jovens e adultos não como um direito, mas como "caridade", o que acaba por legitimar o lugar secundário ocupado pelas políticas de educação de jovens e adultos na agenda pública.

A Constituição Federal de 1988 (p. 99) no art. 206 do parágrafo I garante igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. A LDB, no art.4º do parágrafo I também garante o ensino, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria. Entretanto, percebe-se que a Educação de Jovens e Adultos fica sempre em segundo plano no âmbito das

políticas educacionais. Há falta de materiais, pesquisas e principalmente qualificação específica de professores para lecionar na EJA.

Os alunos jovens e adultos já foram desrespeitados quando tiveram o seu direito à educação negada, portanto, a sua inclusão precisa ser com uma nova qualidade, não uma qualidade formal, mas social e política, com diálogo, respeito e competência.

É uma humilhação para um adulto ter que estudar como se fosse criança, renunciando a tudo que a vida já lhe ensinou. O aluno jovem ou adulto traz consigo saberes adquiridos do seu cotidiano que deve ser trabalhado adequadamente através de uma metodologia apropriada, que respeite e resgate as experiências desse aluno. Não basta conhecer a realidade deste, tem-se que de fato trabalhar a partir desta, haja vista sua importância no processo de ensino e aprendizagem dessa clientela. Os materiais a serem usados com os alunos não podem ser, portanto, uma simples adaptação daqueles utilizados com as crianças.

Os jovens e adultos dessa modalidade de ensino lutam para superar suas condições de vida, e buscam na escola a solução para seus problemas sociais, econômicos e culturais. Mas, será que a escola e os docentes estão preparados para atender essa realidade? Tem sido relevante a participação do governo na criação de programas que atendam essa demanda e apesar de alguns programas existentes, não há como negar que ainda há muito a se fazer. Na visão de Ireland (2009, p.40), "É impossível desenvolver programas de qualidade sem que os recursos estejam garantidos. Normalmente, nas escolas, é improvisado o local para as aulas, os materiais utilizados e os educadores." Assim, quando se fala em evasão escolar sugere-se que o aluno seja o culpado pela não permanência na escola, deixando de cumprir com um direito defendido por lei. Mas será que de fato a escola, os professores, a comunidade, a família e o governo estão cumprindo seu papel ante a sociedade? A nosso ver, o problema central não está no aluno e sim no fracasso da escola, no fracasso político de um Estado omisso e de uma sociedade elitista e excludente.

A evasão escolar provoca diversas consequências na sociedade, entre elas se destacam: produção de baixa estima, consolidação da desigualdade social, desqualificação e barateamento de mão de obra, estímulo à violência e à prostituição, gravidez precoce, consumo e tráfico de drogas, incapacidade para o ingresso no mercado de trabalho e má qualidade de vida.

Desse modo, a falta de estruturação de algumas escolas públicas, no sentido de educar, formar e qualificar para a vida, não tem dado resultados positivos. A busca de melhoria educacional dos educandos e a formação didática dos professores são pressupostos a que a

escola tem sido indiferente, contribuindo mais para a exclusão do que para a progressão do aluno, trazendo para a sociedade sérios problemas, como os citados acima.

Segundo Libâneo (1994, p.35), "O poder público não tem cumprido suas responsabilidades na manutenção do ensino obrigatório e gratuito". Falta uma política nacional de administração e gestão do ensino, os recursos financeiros são insuficientes e mal empregados, as escolas funcionam precariamente por falta de recursos materiais e didáticos, os professores são mal remunerados, os alunos não possuem livros e outros materiais escolares.

A Escola pública está longe de cumprir o seu papel social, pois se sabe que a educação é, muitas vezes, atrelada a fins eleitoreiros e político–partidários, colocando o direito à escolarização como "caridade" quando se coloca pessoas desqualificadas para a docência. Parafraseando Libâneo, esse tipo de educação não contribui para a formação de pessoas críticas, autônomas e conscientes de seu papel na sociedade. Nessa perspectiva, a educação, de modo geral, não oferecerá qualidade desejada e, consequentemente, estará longe de uma educação para a inclusão social.

A educação de jovens e adultos desempenha um papel essencial e específico à medida que possibilita a saída de pessoas de uma condição de exclusão social, levando-as a uma melhoria de vida, em consequência da superação do analfabetismo. Isso é confirmado pela UNESCO (2004.p 53): "a sociedade educativa, na qual pode ser ocasião para que o indivíduo aprenda e desenvolva seus talentos." Nesse sentido, a EJA é uma grande oportunidade de inclusão social e crescimento dos sujeitos ao longo da vida.

1.4 A educação de jovens e adultos: possibilidade de superação

No Brasil, ao longo da história, o analfabetismo tem sido visto com preconceito e como fracasso pessoal. Exime-se, assim, o Estado do seu dever fundamental que é ofertar educação de qualidade para todos. Diante disso, foi se constituindo um processo de representação social preconceituosa em relação àqueles que por alguma razão não aprenderam a ler e a escrever na infância.

A vinculação desse discurso sobre o analfabeto como o culpado da sua não aprendizagem escolar, vinculada à pobreza, à incapacidade, à exclusão, à massa de manobra, à classe alienada, entre outros, por vezes, é reproduzido pelo próprio analfabeto que o incorpora e o legitima, tornando o processo de voltar à escola um grande desafio: a superação

do analfabetismo, que envolve diversos fatores de natureza cognitiva, afetiva, conceitual e motivacional.

Milhares de brasileiros enfrentam, todos os dias, muitos desafios por serem analfabetos, sofrendo as consequências dessa condição. Para esses sujeitos, "vencer na vida" é ver seus desafios vencidos e conquistar vitórias, o que depende, em parte, do objetivo de cada aluno da EJA. Assim, quando se fala em histórias de superação, logo vem à nossa mente grandes atletas, ou mesmos artistas, como Beethoven, que mostraram para o mundo que a superação está muito ligada à força de vontade. Mas em se tratando de escolarização ou superação da condição de analfabeto, a força de vontade, por si só, não é suficiente. Considerando-se as condições estruturais da escola e os condicionamentos políticos, sociais e econômicos, é necessário que o Estado assegure o acesso a uma educação de qualidade, para que a superação do analfabetismo, de fato, aconteça.

Na história da humanidade há diversos casos de pessoas que se destacaram em meio às dificuldades, pessoas cujos feitos foram expostos. Mas neste trabalho, iremos destacar histórias de vida (não menos importantes) de pessoas anônimas, a fim de ampliar as reflexões sobre a importância da EJA, partindo de uma pequena realidade local: Santa Cruz-PB, cidade predominantemente rural, cujo índice de analfabetismo chega a 27,9 %, segundo levantamento feito pelo IBGE, em 2010.

O índice de queda do analfabetismo no país tem diminuído muito lentamente, mas segundo dados estatísticos do IBGE (2010), são nos estados do Nordeste que esse índice torna-se ainda mais preocupante. Nos casos dos estados nordestinos a situação é mesmo desafiadora, pois a "acentuação das desigualdades sociais reflete-se nas condições de acesso à escola e extensão da escolaridade." (PAIVA, MACHADO e IRELAND, 2004, p.16).

Nesse sentido, as dificuldades sociais mostram que a baixa renda das famílias interfere no processo de escolarização de crianças e adolescentes, induzindo às disparidades educacionais vista em todo o Brasil. Esta realidade é facilmente comprovada ao observarmos que as pessoas com menos escolaridade são marginalizadas e, consequentemente, vivem em situações de expressiva pobreza, principalmente nas grandes cidades onde a necessidade de escolarização é questão de sobrevivência, principalmente mediante as mudanças "econômicas, tecnológicas e culturais, exigindo que homens e mulheres adaptem-se e readaptem-se ao longo de suas vidas – ainda mais no contexto da globalização" (VÓVIO e IRELAND, 2008, p.12).

Esse contexto mostra a educação como um dos pilares da cultura contemporânea. As transformações sociais, tecnológicas, econômicas e culturais contribuíram para a

supervalorização da educação, visto que no mundo globalizado, em meio as constantes mudanças o indivíduo deve acompanhar o ritmo da sociedade para não ficar novamente à margem. Mas como um analfabeto pode acompanhar as transformações do mundo se não saiu ainda da marginalidade que o analfabetismo impõe? Esse questionamento é pauta sempre presente nas Conferências Internacionais de Educação de Adultos (CONFINTEAs), apresentando-se como um dos desafios que a educação de jovens e adultos enfrenta na contemporaneidade. Tal questão é evidenciada por Paiva, Machado e Ireland (2004, p. 51), quando afirmam que

> Profundas mudanças estão em andamento em nível mundial e local. Elas se manifestam na globalização dos sistemas econômicos, no desenvolvimento rápido das ciências e da tecnologia, na estrutura de idade, mobilidade das populações e na emergência de uma sociedade fundada sobre a informação e o saber. [...] Essas tendências repercutem no domínio da educação, no qual os responsáveis por sistemas educativos complexos se esforçam por explorar possibilidades e satisfazer demandas novas.

As mudanças no contexto social, atribuídas ao processo da globalização e ao progresso tecnológico, dão à educação de jovens e adultos um papel ainda mais essencial, à medida que possibilita aos jovens e adultos a entrada em um mundo em constantes mudanças. Nessa perspectiva, a EJA torna-se mais que um direito, torna-se a chave para o pleno desenvolvimento do cidadão.

A falta de acesso à educação básica na idade própria constitui um perfil peculiar aos sujeitos da EJA, por se tratar de jovens e adultos que historicamente vêm sendo excluídos e estigmatizados por diversos fatores que os impedem, muitas vezes, de buscar sair da condição de analfabetismo. Dentre os principais fatores podemos destacar o preconceito ideologicamente traduzido na sociedade.

Seu retorno à escola muitas vezes torna-se uma questão de força de vontade, pois o recomeço à escolarização é acompanhado por diversas situações trazidas pelos alunos jovens e adultos e apresenta-se como empecilho para voltar à escola.

A superação está muito ligada à vontade de realizar algo, de ultrapassar limites. Sabemos que não é fácil superar o analfabetismo e para jovens e adultos estigmatizados por fatores sociais, cognitivos, afetivos e conceituais, vencer todos estes obstáculos, além do preconceito e da visão pejorativa com que são vistos, voltar a estudar e permanecer até a conclusão é, de fato, um grande êxito.

Diante da problemática da Educação de Jovens e Adultos, com histórico de muitos fracassos e poucas vitórias, ao longo do percurso educacional do país, os principais desafios são a superação da desqualificação profissional dos professores da EJA e do despreparo da

escola que não dispõe de assistência pedagógica adequada, reforçando a situação de fracasso. Desse modo, apesar da valorização dos estudos, antagonicamente no decorrer desse processo de voltar a estudar, acontece a evasão escolar. Essa situação é um dos grandes desafios que a EJA tem de enfrentar.

Acreditamos que o sucesso na superação do analfabetismo faz-se por duas vias: a via externa, representada por uma boa escola, professores capacitados, material didático pedagógico apropriado, políticas públicas coerentes com a realidade dos sujeitos dessa modalidade de ensino, entre outros, e a via interior, que é a autocrítica da necessidade do aluno em ter o conhecimento e reconhecer a importância social da educação.

De fato, os índices de evasão são maiores do que os de conclusão, mas mesmo diante desses problemas a modalidade da EJA tem se destacado no cenário mundial como um ensino pelo qual a sociedade pode satisfazer necessidades consideráveis de aprendizagem. Todavia, infelizmente, podemos observar que tanto em nível nacional quanto em nível local, ou seja, a cidade pesquisada neste estudo, os programas são aplicados, mas estão longe de atingir a meta definida pelo Plano Nacional de Educação (PNE), que propõe "elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 93,5% até 2015 e erradicar, até 2020, o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional". (NAOE, 2012 p.01) A meta tem relação com o compromisso firmado no Fórum Mundial de Educação de Dakar, em 2000, mas enfrenta um grande desafio: a evasão de adultos dos programas de alfabetização, sendo que este não é o único desafio, mas é um obstáculo que dificulta a erradicação do analfabetismo.

1.5 Educação de jovens e adultos no Brasil: avanços e desafios

A questão da EJA na atualidade figura como uma modalidade da educação básica, cuja concepção tem sido alargada durante o decorrer dos últimos dez anos, contando a partir da V CONFINTEA, período em que a discussão sobre a Educação de Jovens e Adultos aparece com mais destaque no cenário mundial e é assumida como compromisso pelos países participantes, comprometendo-se ainda mais com as diversas formas de superação do analfabetismo.

Com a aprovação da LDB 9.394\ 96, o Brasil já mostrava interesse em avançar na perspectiva de melhorias educacionais, passando a envolver a EJA como parte da educação básica, mas diante dessa conquista a visão preconceituosa ainda é muito forte, tanto nos

alunos quanto na sociedade em geral, apresentando ainda muitos desafios. O analfabetismo no Brasil tem se caracterizado como uma questão problemática, pois existem muitas pessoas que não tiveram a oportunidade de acesso à educação formal, que é um direito garantido na Constituição Federal de 1988, no art. 205 (p. 99). Segundo Ireland, Machado e Paiva (2004, p.45) "O desafio é oferecer-lhes esse direito. [...] e a oportunidade de educação para todos, incluindo os afastados e os excluídos, é essa a preocupação mais urgente".

Ao longo da história da EJA no Brasil, foram feitas alguma tentativas de erradicar o analfabetismo com programas de alfabetização de adultos e é fato que tais programas contribuíram para alfabetizar muitos jovens e adultos. Diante dessa questão, as tentativas já utilizadas foram muito relevantes para a inclusão social e educacional destes, constituindo um avanço, o que marca o reconhecimento da enorme dívida histórica do país no que diz respeito à educação. Entretanto, isso não é o suficiente para mudar o contexto social do analfabetismo, é importante avançar cada vez mais. Mas frente a esse avanço surge o desafio de fortalecer políticas públicas que garantam qualidade do ensino, formação de profissionais capacitados e permanência e continuidade desses programas.

No âmbito internacional, muitas iniciativas contribuíram profundamente para a erradicação do analfabetismo, principalmente como politícas públicas para o melhoramento da Educação de Jovens e Adultos. As CONFINTEAs já realizadas são exemplo disso. De caráter intergovernamental, com a finalidade de fazer um balanço mundial, estabelecer novos programas e metas, tem o objetivo de promover a educação de adultos através de criação de políticas públicas que visam assegurar o direito à educação no mundo.

A V CONFINTEA, realizada em julho de 1997, destacadamente consagrou-se no cenário da Educação de Adultos em todo o mundo por contar com a participação de muitoss países, apresentar uma visão ampliada da educação de adultos, aprovar a Declaração de Hamburgo, adotar uma Agenda para o futuro, instituindo a Década Paulo Freire de Alfabetização (2000 a 2010), e estabelecer príncipios e compromissos voltados para solucionar ou atenuar o impacto do analfabetismo no mundo. Esta Conferência estabeleceu a tendência de parcerias entre governos e sociedade, instituiu a educação como um direito permanente ao longo da vida e promoveu o reconhecimento: da qualificação dos professores da EJA; das particularidades das experiências; do carácter social da EJA; da EJA como um processo permanente de aprendizagem; reafimou o papel do Estado diante da EJA e a integração da EJA como uma modalidade da educação básica.

No Brasil, a V CONFINTEA produziu uma significativa mudança teórica que tem impactado positivamente concepções e práticas da EJA. Houve nesse período a integração da

EJA como uma modalidade da educação básica e uma maior oferta de acesso a programas educacionais voltados à alfabetização de adultos, como a garantia de ampliação e acessibilidade ao direito à educação. Em 2003, no governo Lula, a alfabetização aparece como um direito de todos os brasileiros. Nesse contexto, criou-se o Programa Brasil Alfabetizado. Assim, a alfabetização passa a ser entendida como umo etapa de um processo contínuo de EJA, até o fim da educação básica. Essas mudanças, contudo, exigem o compromisso para a efetividade dos objetivos apresentados pela Conferência Internacional de Educação de Adultos. Esses avanços teóricos acerca da EJA, começados na década de 90 possibilitou a discussão sobre o assunto no âmbito nacional e internacional. Também temos os pontos negativos e os desafios a serem enfrentados, pois sabemos que esses discursos ainda são incorporados mais rapidamente na esfera teórica e na argumentação do que na prática.

A concepção de uma educação tradicionalista, infelizmente, ainda está enraizada na educação brasileira e em muitos programas e projetos destinados aos jovens e adultos analfabetos. Ainda se reproduz a concepção de EJA relacionada à questão de compensação, e não de direito. Em muitos lugares, os programas destinados aos jovens e adultos ainda são citados como favor e continuam sendo usados nos dircursos políticos, e assim, sem responsabilidade, muitos políticos "dão empregos" a qualquer pessoa que saiba ler para ensinar na EJA. Desse modo, a EJA é colocada não como direito, mas como uma "caridade" tanto para quem ensina como para quem aprende, contribuindo para legitimar o seu lugar secundário nas prioridades da educação. Mas quando a EJA é colocada, de fato, como direito, cumprindo com responsabilidade as diretrizes curriculares, a legislação e o papel social nela contida, torna-se real o desenvolvimento das pessoas. À medida que a EJA passa a ser vista como direito, a ideia de uma educação compensatória dá lugar a ideia de igualdade de direito à escolarização.

Diante dos avanços e desafios enfrentados, pode-se afirmar que a relação do papel da EJA vem melhorando. Isso é reflexo das discussões e da importância reconhecida dos estudos voltados para a área. Mesmo assim, ainda há muitos analfabetos, o que mostra um imenso desafio pela frente. Segundo o Parecer CEB nº11/2000, p.5, a EJA representa uma dívida social que deve ser tratada com igualdade, em se tratando de direitos.

Ao analisarmos a recente evolução pela qual a EJA percorreu, nos últimos 15 anos, podemos pontuar mudanças, como a renovação conceitual com implicações para as políticas públicas educacionais para a EJA, a compreensão dos processos formais e informais de aprendizagem ao longo da vida, a alfabetização relacionada ao contexto sócio-cultural vinculada a outros domínios da vida social, como saúde, justiça, cidadania etc. O problema

está na estagnação, que levou a EJA à mesmice, é que para muitos dos nossos governantes isto tem bastado, quando na realidade ainda há muito para ser faito. É preciso centrar esforços e investir na formação de professores, na alfabetização, continuação na elevação da escolaridade e trabalho para evitar a evasão.

Diante da preocupação com o analfabetismo, a EJA tem se tornado um segmento que vem sendo destacado pelo poder público nos últimos anos, estabelecimento de ensino privado, movimentos sociais, e pelas ONGs que focalizam as discussãos e promevem a reflexão sobre o quanto ainda deve ser feito, o fato é que o acesso à educação foi expandido, mas a qualidade não melhorou.

Na modalidade da EJA tem-se presenciado o aumento do acesso à educação de jovens e adultos, ou seja, há a possibilidade de sair da condição de analfabeto por ter melhorado as condições de acesso, mas os meios para que se atinjam um patamar satisfatório de alfabetizados não são garantidos, o que denuncia a falta de qualidade nos serviços. É necessário avançar na formação de profissionais da área, no investimento financeiro em infraestrutura, enfim, na qualidade do ensino da educação de jovens e adultos.

CAPÍTULO II

2. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Santa Cruz-PB, tomando como sujeitos pesquisados ex-alunos da EJA que estudaram na rede municipal e estadual de ensino da referida cidade. Por meio desses sujeitos, buscamos identificar fatores que contribuíram para motivar os alunos a se escolarizarem, investigar os elementos explicativos acerca das dificuldades enfrentadas pelos jovens e adultos, tais como: fatores sociais e econômicos no processo de alfabetização. Assim, objetivamos apreender as representações sociais de ex-alunos da EJA que obtiveram sucesso escolar sobre o analfabetismo. Nesse sentido, optamos pela modalidade de pesquisa qualitativa, pois esta "aprofunda-se nos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas." (MINAYO, 1994. p.22)

Com a pesquisa qualitativa, buscamos estudar os fenômenos educacionais numa perspectiva social e histórica, analisando o contexto em que acontecem as relações humanas, trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, buscando, por meio do subjetivismo, compreender a dinâmica das relações sociais partindo do pressuposto da inseparabilidade entre sujeito e suas formas de expressão.

O instrumento de coleta de dados é a forma utilizada pelas pesquisas científicas para obter informações a fim de alcançar os objetivos descritos. Sabemos que a pesquisa tem a função de compreender a realidade e, assim sendo, Minayo (1994, p.17) assevera que a pesquisa é "atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade". As informações obtidas com os instrumentos de coleta de dados foram o questionário, a entrevista semiestruturada e a história de vida, que foram importantes à medida que mostraram as representações sociais de ex-alunos da EJA, os fatores que contribuíram para motivar esses alunos a superarem o analfabetismo e concluírem parte de seus estudos, bem como os elementos explicativos por parte dos jovens e adultos sobre o sucesso na superação do analfabetismo.

Para analisar os dados utilizamos o método de "análise do conteúdo" na perspectiva de uma pesquisa de caráter qualitativo que, como explica Fernandes (2002, p.27) é "um método apropriado para o estudo de motivações, opiniões, crenças e atitudes".

Por meio desses instrumentos, procuramos ter acesso às informações necessárias para compreender a representação social dos sujeitos estudados sobre o analfabetismo e conhecer a

história de superação de cada sujeito entrevistado. Conhecendo os sujeitos da Eja e seu contexto social, tivemos subsídios referentes ao perfil dos alunos jovens e adultos que não tiveram acesso ao sistema regular quando criança, que não puderam dar continuidade quando jovens, identificando os fatores que contribuiram para que esses alunos superassem a condição de analfabeto, destacando assim a função social da EJA, a fim de que seja desmistificada a visão negativa da Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade sem sucesso em seus objetivos.

Considerando os objetivos que pretendíamos atinguir, foram necessários esses instrumentos de coleta de dados para, assim, desenvolvermos uma pesquisa com credibilidade.

2.1 A coleta de dados

A questão metodológica relacionada ao campo das representações sociais exige um maior cuidado com relação aos instrumentos de coletas de dados adequados aos interesses da pesquisa. Esta atenção à questão metodológica deve-se à complexidade em analisar as representações sociais dos sujeitos pesquisados. Para atingir os objetivos da pesquisa fez-se necessário associar esse enfoque no quadro teórico dessa pesquisa considerando a importância do conhecimento socialmente elaborado e partilhado entre uma realidade comum.

Para entendermos a questão da representação social, Fernandes (2002, p.18) explica que "a representação social informa uma construção da realidade e que busca prover as condições para que os indivíduos nela inseridos possam nomear e classificar as partes do seu mundo". Nesta perspectiva, a representação social é uma construção coletiva de conhecimentos, valores, saberes, que se informam e comunicam através do meio social em que vivem os sujeitos. Ou seja, a representação social "é a construção de algo já posto, seja um evento, uma circunstância ou um objeto material ou social."

Através dos instrumentos de coleta de dados, buscamos atingir os objetivos aqui propostos, a partir da identificação dos pensamentos, falas, histórias vivenciadas, opiniões, valores, motivações e expectativas dos sujeitos da pesquisa com relação à temática aqui estudada.

Os três instrumentos de coleta de dados, o questionário, a entrevista semiestruturada e a história de vida complementam-se, considerando que cada um traz uma expectativa

diferente, mas focado no mesmo objetivo, para analisarmos o processo de superação do analfabetismo, por meio da educação de jovens e adultos.

O questionário como instrumento de coleta de dados foi utilizado por ser uma técnica de pesquisa muito simples que consiste na resposta por escrito do investigado, por meio de formulário com questões. Essas questões foram aplicadas aos ex-alunos da EJA como sujeitos da pesquisa, seguindo as orientações de Matos (2002, p.61): "As questões devem ser objetivas e claras. Podem ser abertas, quando o respondente expressa, livremente, suas opiniões; fechadas quando as opções das respostas são dadas, e mistas, apresentando uma fusão dos dois tipos mencionados". No que se refere a esta pesquisa, o questionário foi elaborado com perguntas fechadas, objetivas, de múltiplas escolhas, voltadas para conhecer a situação socioeconômica e cultural do sujeito pesquisado, considerando o entendimento do processo de elaboração das representações sociais, por meio do contexto social.

A comunicação entre o pesquisado e o pesquisador torna-se fundamental para a realização da pesquisa, pois, por meio do diálogo, busca-se acessar as representações sociais dos sujeitos da pesquisa pelas expressões da fala, para que possamos entender a conexão entre estes e a realidade vivenciada na EJA. Nesta perspectiva, acreditamos que para atingir os objetivos, o diálogo torna-se indispensável. A escolha da entrevista semiestruturada baseia-se no fato de que o entrevistado tem a possibilidade de expressar melhor seu pensamento. Há nesse instrumento de coleta de dado, principalmente na modalidade semiestruturada, uma flexibilidade cujas perguntas seguem um roteiro que será dirigido pelas respostas do entrevistado, isto quando houver necessidade de esclarecimento. Como diz Minayo (1994, p.57), deve haver na entrevista um propósito bem definido, pois a relação do pesquisador com o sujeito pesquisado pode ser entendida como simples diálogo e perder o foco. Nesse sentido, faz-se necessário focar a entrevista nos objetivos propostos.

Para o aprofundamento das informações obtidas, trabalhamos também com a história de vida, que foi escolhida como instrumento de coleta de dados, enquanto estratégia de "compreensão da realidade, sua principal função é retratar as experiências vivenciadas, bem como as definições fornecidas" (MINAYO, 1994 p.58). Desse modo, utilizamos como instrumento da pesquisa qualitativa a história de vida tópica em que são tratados assuntos específicos que fazem parte da trajetória dos sujeitos pesquisados que tem como característica compreender como as pessoas representam fenômenos e acontecimentos históricos, sociais ou culturais, por meio de narrativas e relatos autobiográficos. Silva e Silveira (2007, p.29) defendem que a história de vida,

> consiste na coleta de informações contidas na vida pessoal de um ou vários informantes [...] O relato pode ser autobiográfico, no qual o autor expõe suas impressões/ reflexões/ experiências ou pode ter forma literária tradicional como: memórias, crônicas ou relatos de homens que por terceiros relatam os feitos e experiências vividas.

A história de vida abrange dois direcionamentos: a história de vida completa e a história de vida tópica. A história de vida tópica focaliza uma etapa ou um determinado assunto. Nesse sentido, elegemos a história de vida tópica por ser mais relevante para essa pesquisa.

Segundo Minayo (1994, p59), a história de vida como instrumento de coleta de dados fornece um material muito rico para a análise do vivido, podendo encontrar nela o reflexo do coletivo, a partir da visão individual. Nesse sentido, acreditamos ser a história de vida um instrumento necessário para o estudo de representação social, enfatizando as formas como os pensamentos são expressos, produzidos, reproduzidos e desenvolvidos na comunicação verbalizada em relatos das experiências vivenciadas.

A opção por essa temática aconteceu pela curiosidade de conhecer o papel social desenvolvido pela EJA na superação do analfabetismo na cidade de Santa Cruz. Muito se tem falado do fracasso escolar da EJA e da problemática da evasão na EJA, mas também não podemos nos focalizar apenas nas críticas que giram em torno desses assuntos. Por isso, pensamos neste trabalho em destacar outra dimensão da educação de jovens e adultos, que é justamente a de mostrar que apesar dos desafios enfrentados pela EJA, existe o sucesso do papel social dessa modalidade.

Para realizarmos a coleta de dados, inicialmente recorremos a conversas informais com professores da EJA e algumas pessoas da Secretaria de Educação do município estudado sobre alunos que superaram o analfabetismo através dos estudos na EJA. Para critério de seleção desses alunos, optamos por escolher aqueles cujos nomes eram mais citados nestas conversas, levando em consideração os seguintes critérios: nível de escolaridade inicial (analfabetos) e depois aqueles que já possuíam um certo grau de escolaridade e que deram continuidade na EJA, localização de moradia (cidade ou sítio), e profissão. Dessa forma, buscamos abranger diferentes sujeitos que representam a realidade e o perfil desses alunos que frequentam a educação de jovens e adultos. A sequência de aplicação dos instrumentos de coletas de dados foram: 1° o questionário; 2° a entrevista; 3° a história de vida.

Os instrumentos de coleta de dados foram aplicados com os ex-alunos entrevistados em suas próprias casas, e também no local de trabalho. Fizemos um breve esclarecimento sobre o trabalho de pesquisa que estávamos realizando. Ao todo, fizeram parte da pesquisa

06 pessoas com histórico de sucesso na EJA. Para definir esse número levamos em consideração o número de instrumento de coleta de dados utilizado e a complexidade de análise da história de vida. A história de vida é uma estratégia de compreensão da realidade cuja função é retratar experiências vivenciadas e, portanto, torna-se um instrumento de coleta de dados que requer bastante rigor na análise.

Com os dados obtidos no questionário sócio-educacional traçamos o perfil dos sujeitos pesquisados, que assume a seguinte configuração:

PERFIL DOS SUJEITOS PESQUISADOS	
1. SEXO:	04 HOMENS
	02 MULHERES
2. IDADES:	ENTRE 35- 76 ANOS
3. COR:	BRANCOS
4. ESTADO CIVIL	01 VIÚVO
	05 CASADOS
5. INSTRUÇÃO DO PAI	SEM ESCOLARIDADE
6. INSTRUÇÃO DA MÃE	SEM ESCOLARIDADE
7. RENDA FAMILIAR	01 A 04 SALÁRIOS MÍNIMOS
8. PROFISSÃO	03 APOSENTADOS RURAIS
	02 AUTÔNOMOS
	01 COMERCIANTE
9. RELIGIÃO	04 CATÓLICOS
	02 EVANGÉLICOS

Temos 04 homens e 02 mulheres, com faixa-etária variando entre 35 a 76 anos, de cor branca cujos pais são analfabetos; têm renda familiar variando entre 01 a 04 salários mínimos. No item profissão, constam 03 agricultores aposentados, 01 comerciante e 02 trabalhadores autonômos; e quanto à religião, temos 04 católicos e 02 evangélicos.

2.2 A Análise de Conteúdo:

O material coletado foi tratado de acordo com os referenciais da Análise de Conteúdo. Através dos dados coletados para essa pesquisa, buscamos compreender as representações dos ex- alunos da educação de jovens e adultos presentes no conteúdo de suas falas, acerca do analfabetismo e da sua superação. Nestas encontramos elementos subjetivos evocados pelos sujeitos pesquisados que constituem suas representações sociais.

As informações colhidas foram processadas e registradas por meio de papel impresso, no caso dos questionários, e por meio da gravação de voz utilizando as funções de um telefone celular, concomitantemente com a utilização do computador para efeito de transcrição dos relatos. Para cada sujeito pesquisado foi utilizado o mesmo procedimento inicial, sendo que a duração de cada gravação variou de sujeito para sujeito pesquisado. Uns falavam pouco, sendo necessária a intervenção, através de mais perguntas; com outros não foi preciso intervir, sendo que estes se expressavam com entusiasmo sobre a sua história de vida e a superação do analfabetismo, chegando muitos deles a se emocionar ao relembrar este percurso.

Ao relacionarmos a EJA e a superação do analfabetismo estamos, de certa forma, reafirmando o objetivo da EJA que é oportunizar os estudos a alunos que não tiveram acesso à escola, possibilitando a chance de sair da margem do analfabetismo com autonomia, fortalecendo a capacidade de lidar com as transformações econômicas e socioculturais.

Neste sentido, analisamos o conteúdo do discurso dos sujeitos através das perspectivas abaixo:

1) Em relação à representação social de analfabetismo de si mesmo e dos outros: o que significa ser analfabeto; como o analfabeto é visto na sociedade; como é vivenciar tal condição; quais fatores os motivaram para superar o analfabetismo;
2) Em relação à EJA e a superação do analfabetismo: a EJA contribuiu para melhorar condição de vida dos educandos? O que mudou após os estudos? Qual foi a maior dificuldade enfrentada para aprender a ler e escrever?

A partir destes questionamentos, dos relatos das histórias de vidas dos alunos da EJA que aprenderam a ler e escrever, demonstraremos a trajetória de vida e os motivos que favoreceram a escolarização dos sujeitos pesquisados

2.3 Caracterização do contexto estudado: o município de Santa Cruz - PB

A cidade de Santa Cruz teve origem em 1918 quando João Antunes de Oliveira foi nomeado para o posto fiscal do Estado, no Sítio chamado Tabuleiro Formoso, lugar que pertencia ao município de Sousa. Três anos depois, seu filho Nestor Antunes de Oliveira construiu uma latada para a realização da feira livre contando com a participação de moradores da região. Esse lugar posteriormente passou a ser o Mercado Público que se

tornou, por muito tempo, o ponto de desenvolvimento econômico da cidade. Em 1922, o povoado recebeu por doação uma capela que no ano seguinte foi oficializada por Nestor Antunes através de instrumento público juntamente com uma quadra de terra. Na ocasião, foi colocada uma cruz, que deu origem ao nome do povoado: Santa Cruz.

Nestor Antunes de Oliveira destacou-se como o primeiro comerciante do povoado e também se destacou como professor particular. Em 1935, prestou concurso e foi aprovado, sendo nomeado para o município de Sousa, mas precisamente para o sítio Serra Branca, e o seu sonho de lecionar em escolas na sua terra natal e ver funcionar em seu município uma instituição em que todos os cidadãos tivessem acesso de forma igualitária não se concretizou, pois o mesmo faleceu em 19 de novembro de 1957, sem ver sequer uma escola funcionar em seu município. Com o crescimento populacional e econômico baseado na agricultura e agropecuária, em 1949, o povoado foi elevado à categoria de Distrito da cidade de Sousa. Esse distrito foi criado com a denominação de Santa Cruz pelo Decreto Lei Estadual nº 318, de 07 de janeiro de 1949, subordinado ao município de Sousa. Sua emancipação política foi instituída pela Lei estadual nº 2707, de 29 de dezembro de 1961.

De acordo com o último IBGE, a cidade de Santa Cruz tem uma população 6.471 habitantes, dos quais 3.245 são homens e 3.226 são mulheres. Do total dessa população, o número de analfabetos com idade entre 10 e 15 anos é de 4% e com mais de 15 anos é de 30% de acordo com os dados disponíveis no site intitulado Indicadores Sociais para Gestão do Município: http.www.brasilhoje.org.br.

A Modalidade da EJA foi implantada na cidade de Santa Cruz no ano de 2008 e, desde então, o município vem desenvolvendo um amplo processo de oferta e melhoria na qualidade da Educação de Jovens e Adultos, mas apesar disso, há ainda elevado índice de analfabetismo. Nesse sentido, é fundamental a mobilização de toda a comunidade santacruzense e da gestão pública em tentar erradicar o analfabetismo e universalizar o ensino da modalidade da EJA, de forma a contribuir para o crescimento e a formação humana dos cidadãos, por meio da educação. Por esse motivo, este trabalho tem a finalidade, também, de contribuir para o fortalecimento da EJA, pois através da história de vidas de pessoas que residem nesta cidade e que saíram da margem do analfabetismo, é possível demonstrar a importância e as possibilidades da EJA para a população de Santa Cruz.

CAPÍTULO III

3. SUPERAÇÃO DO ANALFABETISMO E SUCESSO ESCOLAR NA EJA: histórias de vidas e representações

Nos relatos coletados para esta pesquisa, o trabalho precoce na agricultura e as dificuldades de acesso às escolas públicas, por motivo financeiro, limitaram o acesso à educação na idade apropriada das pessoas aqui entrevistadas.

Nesse sentido, também, nas famílias desses sujeitos que não puderam estudar na fase apropriada, o valor atribuído à educação é inferior ao valor dado ao trabalho e aos saberes adquiridos no e com o próprio trabalho. Tal situação é confirmada no relato de Gilvanete, 45 anos:

> "Quando meu pai morreu, tive que ajudar minha mãe, pra gente não morrer de fome, eu e minha mãe teve que trabalhar na roça, [...] na época eu queria ir à escola ... eu me lembro muito bem quando minha mãe dizia: 'Minha filha, eu não posso! Se eu pudesse eu botaria vocês tudim para estudar, mas não posso'. Como é que uma mãe sozinha com 06 filhos pode botar nenhum para estudar..."

As dificuldades financeiras e o pouco contato com a leitura são as principais causas da desvalorização da educação que limitaram as pessoas pesquisadas a frequentar a escola. Os contatos sociais eram limitados à aprendizagem relacionada ao trabalho rural ou doméstico. No caso citado, a questão financeira foi preponderante para o analfabetismo de Gilvanete, pois para a sua família se sustentar, todos tinham de trabalhar e com as dificuldades de acesso às escolas públicas, como relata a entrevistada, havia uma rigorosa organização que exigia das famílias muitos recursos financeiros para poder estudar, fator esse que dificultou ainda mais o acesso a essa instituição.

> "Eu chorava muito para ir à escola. Mãe dizia: 'Minha filha, eu não posso te butar na escola'. Primeiramente, na época a que era para mim entrar na escola eu tinha que pagar até a matrícula. Você tinha que pagar. Hoje é lápis, caderno, farda, carro, livro... é tudo de graça, de graça e ainda pagam para você estudar. Na minha época não tinha nada de graça."

Além da condição financeira, havia também uma visão discriminatória acerca da educação, cuja ideologia afirmava que a educação era para servir apenas para pessoas de maior poder aquisitivo. Essa representação foi relatada em alguns depoimentos, ficando evidente a desvalorização da educação com relação ao trabalho rural, pois que as "letras" não teriam utilidade.

Enquanto na situação acima o principal fator para o analfabetismo era a questão econômica da família, no caso a seguir temos um exemplo de desvalorização da educação, por ser uma cultura que não faz parte do contexto social em que se vive, estando ausentes o domínio e o uso da leitura e escrita no cotidiano.

No depoimento de seu Raimundo, este explicita que essa ideologia era comum nas famílias de agricultores, pois quanto mais mão de obra, que no caso eram os filhos, maior a produção e, consequentemente, melhor a condição financeira.

> "Meu pai era o seguinte, quando era na idade de nós estudar, ele dizia: - Olhe! Pare com essa história de estudo e vão pá roça que a roça é quem dá cumê. Estudo não dá cumê para filho de pobre não! Isto tá com uns 50 anos, era por ai... Eu tinha uns 14 anos quando eu... é..., queria estudar e meu pai não aceitou. Se fosse hoje!" (Raimundo, 64 anos)

Podemos perceber na fala de seu Raimundo que no momento em que ele conta os anos, ele faz uma análise sobre o modo como se percebe a educação do passado e do presente. Nessa análise, ele deixa claro que a visão sobre a educação mudou o foco, hoje, a educação é vista como um processo que capacita todos a desenvolver a autonomia e a capacidade de lidar com as transformações que ocorrem na sociedade, corroborando, nesse sentido, com o que afirma a Declaração de Hamburgo sobre a educação de adultos na V CONFINTEA (Apud PAIVA, MACHADO E IRELAND, 2004, p.44 - 45): "A educação é um dos principais meios de enfrentar um mundo que se caracteriza por constantes mudanças, cujo principal objetivo é 'criar uma sociedade instruída e comprometida com a justiça social."

A perspectiva sobre a educação mudou, é comum associar a educação com melhores condições financeiras, relacionando na prática a educação com o trabalho, ou seja, adquirir uma profissão que dá *status* na sociedade.

> "Hoje... eu tenho um de 15 anos e eu digo a ele: Meu filho, é a única herança que eu tenho pra deixar para você é o estudo, porque ninguém tira ele de você. A partir do momento que você aprende, a partir do momento que você se forma, ninguém pode tirar isso de você, é uma herança que o pai e a mãe deixa e ninguém pode tirar e não pode se acabar, né? Então meu filho, aproveite por que é uma chance que eu não tive na minha vida. E ele fala assim pra mim:- E por que a senhora não teve? Aí eu respondo: porque o mundo de hoje não é o mundo de ontem." (Gilvanete, 45 anos)

Ao longo da história educacional no Brasil, o analfabetismo foi constituído socialmente de forma pejorativa e carregado de significados negativos. Nesse sentido, fizemos algumas perguntas para identificar as representações sociais sobre analfabetismo de

ex-alunos da EJA, e assim analisarmos a influência dessa representação social na concepção dessas pessoas.

Segundo Fernandes (2002, p.17), as representações sociais são elaboradas pelos indivíduos por meio de um conhecimento prático transmitido pelo senso comum. A visão do analfabetismo pelos entrevistados, de forma generalizada, foi relatada como uma "cegueira", quase sempre associada a um fracasso individual que causa muitas situações de discriminações e vergonha.

Podemos observar nas histórias de vidas relatadas nesta pesquisa que o analfabetismo é encarado como uma frustração. Nesse caso, a situação mais citada foi o fato de não saber assinar o próprio nome.

> "Muitas vezes, a desculpa é a vista, mas é não. É porque não sabe mesmo. Por que a pessoa mesmo que não saibra, que não veja bem, como nada ele vai, né? Quando sabe escrever o nome, sabe, faz até de olhos fechados. Não assumem, é difícil assumir que não sabem ler e nem escrever, porque é uma coisa muito ruim. Eu sei o que é isso." (GILVANETE, 45 anos)

As pessoas analfabetas sentem-se constrangidas em assumir que são analfabetas, porque isso traz para si uma autoimagem de fracasso. No contexto urbano, o "carimbar o dedo" torna-se marca evidente de inferioridade, principalmente em situações de identificação pública que passam a ser vividas como humilhação. A exposição social da condição de analfabeto é reproduzida toda vez que é preciso assinar o nome, o constrangimento em "sujar o dedo de tinta" leva muitos analfabetos a querer sair dessa condição. Muitas vezes, a vontade de superação leva-o a aprender a desenhar o próprio nome antes mesmo de aprender os mecanismos de codificação do sistema alfabético da leitura e escrita. O ato de assinar o nome representa um ato de autonomia e de superação do estigma social que acompanha o analfabeto em sua vida e simboliza o transporte de acesso à cultura letrada.

A necessidade de aprender a assinar o nome é intensificada para aquele que tem maiores motivações e contato com a sociedade grafocêntrica, uma sociedade fundada na escrita, para aquelas pessoas que trabalham ou precisam constantemente desse contato, como foi o caso dos entrevistados Gilvanete e Luiz, que apesar do desejo de aprender a ler e a escrever, sentiram "na pele" a importância e a necessidade de serem alfabetizados.

As situações de leitura e escrita que foram raras na infância, pelo fato de trabalharem na zona rural, hoje se tornam essenciais, pois a leitura, a escrita e também o cálculo passam a ser requeridos com mais frequência na sociedade atual, pois constantemente faz-se necessário o domínio desses mecanismos para a resolução de problemas comuns do cotidiano.

No contexto urbano letrado não saber ler e escrever pode representar limitações reais nas resoluções de problemas simples, causando constrangimentos que levam o analfabeto a rótulos pejorativos e desqualificação simbólica imposta pela sociedade.

O poema de Chico Buarque de Holanda, intitulado "A bordo do Rui Barbosa", demonstra o sentimento de vergonha do analfabeto em assumir a sua condição de analfabetismo, o que faz com que estes recorram a estratégias de dissimulação, como é o caso citado por Gilvanete. Esta, por várias vezes, presenciou pessoas que por vergonha, mentem para esconder a falta de domínio da leitura e escrita.

A bordo do Rui Barbosa – Chico Buarque de Hollanda

O marinheiro João
Chamou seu colega Cartola
E pediu:
Escreve pra mim uma linha
Que é pra Conceição...
Tu é analfa? Disse o amigo
E sorriu com simpatia
Mas logo depois amoitou
Porque também era analfa também.
Mas chamou Chiquinho
Que chamou Batista,
Que chamou Geraldo
Que chamou Tião, que decidiu.
Tomou coragem
E foi pedir uma mãozinha para o capitão,
Que apesar de ranzinza,
É um homem bem letrado,
É homem de cultura
E de fina educação.
E João encabulado

Hesitou em ir dizendo
Abertamente assim
O que ia fechado e bem guardadinho
No seu coração
Mas ditou...
E o capitão boa gente
Copiou num pedaço de papel:
Conceição...
...No barraco Boa Vista
Chegou carta verde
Procurando Conceição;
E riu muito
Porque era a primeira vez,
Mas logo se amoitou.
Conceição não sabia ler, chamou a vizinha
Bastiana
E pediu:
Quer dar uma olhada?
Que eu estou sem óculos.
Não enxergo bem.
Bastiana também sofria da vista.
Mas chamou Lurdinha
Que chamou Maria
Que chamou Marlene
Que chamou Iaiá
Estavam todas sem óculos.
Mas Emília conhecia
Uma tal Benedita
Que fazia seu serviço
Em casa de família
E tinha uma patroa
Que enxergava muito bem.
Mesmo a olho nu.
E não houve mais problema
A patroa boa gente,

Além do favor,
Achou graça e tirou cópias
Para mandar para as amigas.
Leu para Benedita
Que disse a Emília
Que disse a Iaiá
Que disse a Maria
Que disse a Lurdinha
Que disse a Bastiana
Que disse sorrindo
A conceição
O que restou do amor
O que restou da saudade
O que restou da promessa
O que restou do segredo
De João.

A concepção de cegueira citada pelos sujeitos da pesquisa é difundida socialmente por causa das limitações educacionais e a associação à deficiência visual é utilizada nas falas como uma limitação que leva a experiências preconceituosas e sucessivos constrangimentos. Isso leva o analfabeto ao sentimento pejorativo de si mesmo, e passa a assimilar o discurso, como foi constatado em todos os sujeitos da pesquisa, que associaram o analfabetismo à "cegueira" e o analfabeto a um "cego". Quando perguntados sobre o que significa ser um analfabeto, dona Raimunda (76 anos) e Valdegênio (40 anos) respondem, explicando essa condição:

> "Um cego, só não é da visão, mas é uma pessoa cega do lado do saber, num vê o nome, não conhece nada, é perguntando as pessoas e às vezes tem deles que tem a boa vontade de ensinar. Aonde fica loja tal? Fica na rua tal. E você vai saber que rua é essa? Porque você pode ir olhando, procurando, mas é mesmo que não vê."

> "Um analfabeto é um cego, eu vejo com tristeza um analfabeto hoje. Ser analfabeto é triste, mas ser analfabeto hoje é escolha. Se a pessoa quiser, se pensar no seu futuro... Resumindo tudo, se a pessoa não estudar vai ficando para trás e quem estuda vai andar na sua frente e cada vez mais rápido."

Em relação às falas acima podemos constatar que em suas representações o analfabetismo é uma limitação que dificulta a vida em sociedade, principalmente no contexto urbano letrado. Também podemos analisar a relação entre o analfabetismo e o insucesso, como é explicitado na fala acima citada. Tais representações também são comuns nas falas e nas experiências vivenciadas pelos sujeitos pesquisados e passam a servir de elementos motivadores para a superação da condição de analfabeto.

A imagem do analfabeto associada ao insucesso, à cegueira, a constrangimentos, à classe dominada, a pessoas que não têm conhecimento, à incapacidade, a coitado, pobre, sofredor, alienado, entre outros termos pejorativos, é que leva muitas pessoas a uma dualidade de ação. A primeira ação é utilizar meios de dissimulação para esconder ou negar perante a sociedade a sua condição de analfabeto e assim ir vivendo num "faz de conta", usando as mais variadas desculpas para não se apresentar como um analfabeto. Geralmente, essas pessoas que agem assim, nunca procuram ajuda por se sentirem envergonhadas.

A segunda ação e mais correta é a de buscar ajuda, ir atrás, lutar pela sua liberdade e autonomia, conquistar, superar, não se acomodar, não se envergonhar e não internalizar os preconceitos demonstrados pela sociedade. Os sujeitos dessa pesquisa enquadram na segunda perspectiva, eles mesmos sentiram a necessidade de sair da

condição de analfabeto e assim descobriram em si o anseio por libertar-se dessa condição e como afirma Freire (1987, p.34) "[...] percebem que este anseio somente se faz concretude na concretude de outros anseios". Ou seja, foram as necessidades e as diversas experiências de frustrações que motivaram os sujeitos da pesquisa a voltarem a estudar.

> "Passei muito tempo batendo de porta em porta, vendendo confecção, quando eu chegava que as pessoas comprava eu dava o caderno mesmo, o caderno e o lápis para ela mesma anotar, correndo o risco da pessoa não anotar, ou anotar o nome errado, na conta de outra pessoa [...] Eu pedia: "bote ai teu nome aqui que eu não sei escrever", ai as pessoas dizia: Você não sabe ler nem escrever! Mulher, como é que tu entra numa luta dessa? È Deus que vai me guiando... Nunca perdi uma peça, nunca ninguém me enganou." (Gilvanete, 45 anos).

Já dona Raimunda relata que sempre teve vontade de estudar, mas por causa das dificuldades de acesso à escola e outros fatores pessoais ela não deu continuidade aos estudos. Apesar de passar 51 anos sem estudar, no ano 2000, ela voltou a estudar, começando no Programa Brasil Alfabetizado onde foi alfabetizada. Sabendo ler e escrever, resolveu continuar os estudos. Com medo e envergonhada, ousou em perguntar se a escola aceita uma pessoa já idosa na escola. Na escola Adauto Ferreira de Andrade cursou todo o Ensino Fundamental e na escola Valdemiro Wanderley de Oliveira concluiu, este ano, o Ensino Médio, aos 76 anos.

> "Eu sentia falta e tinha quase como aquela inveja quando via aquele pessoal ir para o colégio: Ai Jesus, se eu pudesse ir! Aí apareceu o coletivo na porta, vinham pegar e vinham deixar. Pra mim aquilo foi uma beleza."

Para dona Raimunda Vieira de Araujo, aprender a ler e a escrever foi uma realização pessoal e um exemplo de superação e de capacidade de libertação de uma situação que a oprimia. É como afirma Freire (1987, p.35): "[...] é fundamental, então, que, ao reconhecerem o limite que a realidade opressora lhes impõe, tenham, neste reconhecimento, o motor de sua ação libertadora".

Diante da importância da educação na vida das pessoas, alguns sujeitos relataram que nem todos têm consciência da relevância do conhecimento formal para a vida em sociedade. Como podemos analisar, com base no conteúdo falado pelos sujeitos da pesquisa, os jovens nem sempre dão valor à modalidade da EJA. Muitos querem apenas um diploma sem ter a responsabilidade de aprender, outros vão à escola apenas

por ir, sem apresentar o mínimo de responsabilidade. Abaixo está a descrição de situações que relatam esta análise feita pelos próprios sujeitos em seus depoimentos.

> "Hoje ser analfabeto é decisão própria, os estudos hoje é muito fácil. Se existir força de vontade pelos alunos, num vou culpar professor, nem governador, nem presidente e nem órgãos. Hoje se alguém é analfabeto é porque quer. O culpado é diretamente o aluno que não dá valor. Quando eu estudei na EJA, eu via a situação. As professoras chamavam os alunos e eles deixavam, preferindo ir para a rua. A diretora fechava os portões para ninguém sair, isso em uma turma de jovens adultos. Tinha muito jovem que não se interessava." (RAIMUNDO, 64 anos)

> "Antigamente tinha o analfabeto porque não tinha opção, hoje em dia não existe mais isso, hoje tem todos os incentivos, quem é analfabeto é porque quer, principalmente aqui em Santa Cruz, porque incentivo tem para quem quer estudar, não ser analfabeto, porque as pessoas mais velhas com idade de ser meu pai, até meu avó tem o direito de voltar a estudar, se quiser, quanto mais um jovem. Os governos estaduais, municipais dão... dão. oportunidades para isso." (VALDEGENIO, 40 anos)

> "Os mais jovens não dão valor aos estudos, não. Eu digo pela minha sala mesmo. Eles ficavam atrapalhando a gente. Eu não dizia nada, pela minha idade, eu não me sentia no direito de reclamar. Mas eu ficava com vontade, mas eu vendo aqui ou acolá eu dizia: Ou meu filho, não faça isso, vocês estão se prejudicando. Eles diziam: eu só num faço isso por causa de dona Raimunda. A senhora é um exemplo. Os meninos diziam: eu tenho é raiva, a senhora dessa idade vem para estudar e a gente jovem... É interesse de dona Raimunda. Ai eu dizia: Só depende de você, porque tudo tem. Tem merenda, tem transporte, tem o interesse dos professores, não aprende nada porque não quer, mas eles não querem nada." (RAIMUNDA, 76 anos)

Através dos depoimentos acima citados, analisamos que os sujeitos pesquisados atribuem o analfabetismo atual como consequência pessoal, ou seja, falta de vontade e de esforço do aluno. Ao analisar dificuldades enfrentadas no passado pela própria experiência e vê-los que já não são mais problemas, eles passam a designar a culpabilidade do analfabetismo ao aluno. Mas sabemos que as dificuldades passadas foram superadas e que outros desafios possivelmente passam a impossibilitar o acesso e a permanência desses alunos na escola e na EJA. Acreditamos que existam problemas que não se resolvem apenas com força de vontade dos alunos. Existem muitos fatores tanto técnico-pedagógicos, quanto conceituais e políticos que precisam ser reavaliados. É fácil entender que para um ex-analfabeto que viveu e sentiu na pele o significado da palavra *analfabeto* e os atributos que os seguem, em geral, carregadas de um sentido negativo, a EJA é a única chance de superação dessa condição, e o apoio e a valorização da EJA, possibilitam a sua inserção efetiva desse cidadão em uma sociedade marcada pela leitura e escrita, por esse motivo, agarram a oportunidade com muita determinação.

AS HISTÓRIAS DE VIDA

GILVANETE Rodrigues Pereira

Gilvanete, 45 anos, é uma trabalhadora da área do comércio, mãe de três filhos, empenha-se em oferecer a seus filhos aquilo que não pode ter quando criança: oportunidade de estudar. Gilvanete teve que trabalhar na roça, ainda criança, logo após a morte de seu pai, para ajudar na renda familiar e, por esse motivo, não teve a chance de frequentar uma sala de aula. Mas a vontade de estudar sempre a acompanhou. Por diversas vezes deparou-se com a dificuldade de não saber ler e escrever. Como comerciante precisava viajar e resolver seus negócios e, segundo ela, a maior vergonha que tinha era a de não saber assinar o próprio nome e ter na sua identidade o nome ANALFABETA, em letras grandes e destacadas. Conta ela que certa vez, quando adolescente, foi enganada por uma mulher que prometeu que iria colocá-la na escola se ela fosse morar e ajudar a cuidar de um bebê, no entanto, essa mulher não cumpriu a promessa, fazendo-a ficar muito triste e sem perspectiva. E ao ver as outras jovens indo à escola, ficava sonhando e se imaginando ali naquela cena. Descreveu ela: "ficava imaginando como era uma sala de aula... aí dava uma vontade... eu tinha aquela coisa de ir para o colégio, levar aqueles cadernos e chegar no outro dia, ter tarefa de casa pra fazer. Era isso que eu queria". Quando surgiu a oportunidade, pensou: "Agora é minha chance!" E com muita dificuldade ingressou na EJA. Relatou Gilvanete: "Se não fosse a EJA, eu jamais teria realizado meu sonho. A maior dificuldade era o descrédito das pessoas, inclusive amigos e familiares. Quando passava, muitas vezes, as pessoas me criticavam e falavam: Ê ê ê papagaio 'veio' não aprende a falar, não. E eu digo: Ah! Aprende sim. Até que eu aprendi, né?"

RAIMUNDO FRANCISCO DE MOURA

Raimundo, 64 anos, casado, pai de 04 filhas, trabalhador rural e pedreiro. Parou de estudar por obediência ao seu pai que não permitiu mais que ele frequentasse a escola. Naquela época, a agricultura era a principal renda das famílias na cidade de Santa Cruz e a necessidade de mão de obra no campo impedia muitos jovens e

crianças de irem à escola. Além desse fator, a dificuldade de acesso também influenciava nas decisões familiares relacionadas à educação. "A roça é quem dá 'cumê', estudo não enche barriga", dizia meu pai, isso há uns 50 anos... Eu tinha 14 anos quando eu queria estudar e meu pai não deixou", relatou Raimundo. A leitura e a escrita não faziam parte de seu contexto social, mas com o passar do tempo, principalmente ao vir morar na cidade, começou a perceber que sem saber ler e escrever perdia muitas oportunidades. Segundo ele, passou a se sentir excluído: "Eu me sentia muito ruim...imaginava entrar numa cidade, olhar para as placas... não saber ler o nome de uma rua [...]. É uma diferença de 100% quando a gente aprende a ler, só sabe o que é ser analfabeto quem já foi". A decisão de voltar a estudar partiu da sua própria análise e do desejo de superação. Com o Mobral, aprendeu o ABC, mas foi no Programa Brasil Alfabetizado que aprendeu a ler e escrever. Através da Educação de Jovens e Adultos seu Raimundo viu a possibilidade de recomeçar, e deu certo. Ele entendeu que mesmo depois de anos sem estudar e apesar da sua idade avançada, nunca é tarde para recomeçar e atender a uma necessidade pessoal e social, pois a educação é a chave do desenvolvimento. Ele mesmo faz essa afirmação e diz: "Eu sei que quando eu estudo meus olhos se abrem porque o conhecimento tem esse poder de enxergar muito além. Sabe, é questão de parar e refletir e optar pelo melhor caminho e não ir na cabeça dos outros pelo simples fato de não saber ler".

LUIZ

Luiz, 57 anos. Como os demais entrevistados, a questão econômica também dificultou o seu acesso à educação formal, quando criança. Após crises familiar e financeira, teve que trabalhar logo cedo, foi vendedor de rua, vendia pão de porta em porta, fazia entregas e "bicos" para aumentar a renda familiar e, segundo o seu depoimento, ele foi perdendo o prazer pela escola. Devido às muitas faltas, não levou muito tempo para que ele abandonasse os estudos. "As ruas passaram a ser meu maior prazer, gostava de estar na rua e quando eu ia para escola não me sentia bem". As faltas trouxeram sérias dificuldades, pois não conseguia acompanhar os demais alunos nem as atividades escolares e, além disso, como ele mesmo relatou, a educação tradicional trazia uma forma de educar com castigos e palmatórias que ele temia muito e excluía ainda mais aqueles que tinham dificuldades de aprendizagem. Ainda muito

jovem aventurou-se na cidade grande, foi morar em São Paulo onde passou por momentos difícies por não saber ler e escrever. Seu primeiro emprego foi de estivador no porto de Santos, depois por problemas de saúde mudou-se para a capital paulista onde encontrou um emprego em uma fábrica. Vale lembrar que na década de 70, ano que seu Luiz foi a São Paulo, a grande parte da população brasileira era analfabeta, as empresas admitiam funcionários sem escolarização por falta de mão de obra escolarizada. Seu Luiz trabalhou numa multinacional fabricante de automóveis, o fato de não ter estudado e não ter acesso à cultura letrada não significa que seu Luiz não tenha ideias bem precisas a respeito de organização e outros pontos importantes para a fábrica. O fato de que ele se orgulha é que as suas ideias sempre agradavam os chefes de setor e por esse motivo, muitas vezes, foi promovido de cargo. Mas ele começou a perceber que não tinha os conhecimentos necessários para ter um trabalho melhor (menos pesado e mais bem pago) e um lugar social mais valorizado. "A gente tem a ideia, mas o que vale é o papel, eles gostavam tanto das minhas ideias que uma vez me deram até um carro. Aí eu pensava: mas rapaz, um cabra assim quase analfabeto como eu! E se eu tivesse estudo? (risos) Hoje eu tava rico!", afirma ele. Com o tempo, as coisas foram se modernizando e seu Luiz ficava cada vez mais distante do padrão de funcionário qualificado. Sem saber ler e escrever era difícil acompanhar o desenvolvimento da fábrica, até que um dia, foram demitidos muitos trabalhadores, inclusive seu Luiz. E mais uma vez ele sentiu que a educação era cada vez mais imprescindível. "Tà vendo? Se eu tivesse estudo, você acha que eu teria sido demitido? Passei alguns anos lá e voltei pra Santa Cruz que me recebeu de braços abertos e foi aqui que tomei conhecimento da "EJA".

RAIMUNDA VIEIRA DE ARAUJO

Raimunda, 76 anos, um grande exemplo de perseverança e superação. Depois de 50 anos sem estudar, ela não se limitou, agarrou a oportunidade que lhe apareceu. Neste ano de 2012 concluiu o Ensino Médio na EJA. Segundo ela, foi um sonho realizado, pois na infância, adolescência e na idade adulta não teve a chance para estudar. Na infância e na adolescência, não havia escolas perto e as que existiam eram muito longe e com problemas de estruturas físicas, organizacionais e pedagógicas. A falta de professores foi o que mais marcou a pequena Raimunda: "Faltava professor.

Lembro ele vinha de outra cidade, a cavalo, mas era aquela coisa, ensinava 04 meses e parava... Era difícil continuar". Na juventude, logo se casou e dedicou-se à familia, eram 11 filhos para criar. Depois de cinco décadas sem estudar, já na terceira idade, na qual muitos pensam que não são mais capazes de concluir algo, ela decidiu recomeçar. No ano de 2008, um convite a estimulou a voltar a estudar. Começou pelo programa do Governo Federal intitulado de Brasil Alfabetizado, seguindo logo após no Ensino Fundamental e Médio na modalidade da EJA. Não desistiu sob nenhum obstáculo: "As pessoas jovens que começaram comigo desistiram e eu continuava, continuava", relatou dona Raimunda. Ela afirma que nunca pensou que iria voltar a estudar, porque não via um caminho para isso e no ensino regular temia não acompanhá-lo. Mas a vontade de aprender a ler e a escrever sempre a acomapanhou: "Eu sentia falta, tinha quase como uma inveja quando via aquele pessoal ir para o colégio, aí apareceu a oportunidade, eu não ia perder de novo, era coletivo na porta de casa, vinha pegar e deixar, para mim aquilo foi uma beleza".

MANUEL MARCELINO

Manuel Marcelino é um jovem pai de familia de 37 anos que conta a sua história, como ele mesmo diz, como uma experiência de vida de quem escolheu o caminho mais longo até entender que a educação é o caminho para uma vida melhor e feliz. Conta Manuel que deixou de estudar porque casou, mas que no fundo foi desculpa para não estudar, pois confessa ele que não gostava de estudar. Apesar de não ter faltado incentivo por parte da família, passou 20 anos sem estudar. Durante esse período, aprendeu a profissão de ferreiro com seu sogro. Decidiu voltar a estudar por conta própria e o desejo de estudar a Bíblia despertou-o para o conhecimento. " Minha cabeça mudou, quando era jovem não queria estudar ... Comecei a gostar de estudar, lendo a Bíblia, aí eu ia pesquisando e estudando e buscando outros livros e tomei gosto." Segundo ele, voltar a estudar foi prazeroso e afirma não sentir dificuldades de aprendizagem, pois "estava fazendo o que queria". "Lembro-me que no terceiro ano eu fui premiado pela diretora por ser o melhor aluno de matemática do colégio... quem me entregou o prêmio foi minha filha que também fazia o terceiro ano (risos)". Alguns fatores fizeram Manuel refletir sobre a sua condição, principalmente as consequências do analfabetismo na vida do cidadão " Ser analfabeto não é coisa boa

porque torna a vida em sociedade mais complicada, imagine aí, hoje tudo é moderno e a tendência é aumentar... Aqui em Santa Cruz dá pra passar, é um lugar pequeno e um ajuda o outro." Mas o principal destaque deve-se a EJA, porque devido a sua estrutura curricular deu a oportunidade a seu Manuel estudar e trabalhar e concluir os estudos e se realizar como cidadão. " A EJA me ajudou e muito... como que eu ia concluir os estudos? A minha vida melhorou porque hoje eu tenho um diploma que me dá o direito de realizar outro desejo agora, que é fazer um vestibular... e eu já sei o que eu quero fazer, o curso de história, na UFCG de Cajazeiras"

CONCLUSÃO

A Educação de jovens e adultos representa um dos mais importantes instrumentos para a promoção do desenvolvimento humano e uma das vias para a mudança social. A EJA apresenta-se como um campo que faz frente à exclusão e às desigualdades, pois possibilita a inclusão de pessoas que não tiveram acesso para iniciar ou completar os estudos regularmente. A EJA nomeia os jovens e adultos pela sua realidade social: pobres, oprimidos, trabalhadores rurais, mulheres, domésticas, desempregados, entre outros, que não sabem ler e nem escrever ou que não puderam concluir a educação básica por motivos diversos e que estão a buscar a superação da condição de analfabetos e ampliar seu nível de escolaridade e de conhecimentos.

Para compreender o papel da EJA nesse processo de superação do analfabetismo podemos citar um ponto da Declaração de Hamburgo sobre a Educação de Adultos:

> Os objetivos da educação de jovens e adultos, visto como um processo em longo prazo desenvolve a autonomia e o senso de responsabilidade das pessoas e das comunidades, fortalecendo a capacidade de lidar com as transformações que ocorrem na economia, na cultura e na sociedade como um todo; promove a coexistência, a tolerância e a participação criativa dos cidadãos em suas comunidades, permitindo assim que eles controlem seus destinos e enfrentem os desafios que se encontram pela frente (PAIVA, MACHADO e IRELAND, 2004, p.42)

Nesse sentido, a EJA promove uma formação ao longo da vida, contribuindo com a conscientização dos alunos sobre o papel deles perante a sociedade, mudando seu estado de excluídos para o estado de cidadãos conscientes, conhecedores de seus direitos e donos de seus destinos.

Este estudo teve por base, portanto, reconhecer o papel social da Educação de Jovens e Adultos e a sua importância no processo de superação do analfabetismo na cidade de Santa Cruz- PB. Numa síntese do que foi dito neste texto, podemos citar que a EJA é uma modalidade de ensino que possui algumas peculiaridades que a diferencia da educação formal, mas que tem que ser tratada com igualdade junto a outras modalidades de educação, em se tratando de direito, acessibilidade e financiamento.

Este estudo também buscou enfatizar os alunos bem sucedidos da EJA que conseguiram vencer o analfabetismo e mudar de vida através do conhecimento escolar, destacando a relevância social desta modalidade. Através do relato de experiências dos

sujeitos pesquisados analisamos a representação social destes com relação ao analfabetismo buscando compreender o que a EJA representa para si e para a sociedade.

Como resultado, a pesquisa apresentou fatores que nos mostram que a educação de jovens e adultos representa para os alunos uma possibilidade de mudança de vida e realização pessoal, pois, através dos estudos, estes ultrapassam as barreiras do preconceito da sociedade, que os humilha e os discrimina como cidadãos capazes, ativos e produtivos. Ao incorporar a representação de analfabetos como "incapazes," os sujeitos pesquisados têm elaborado uma representação negativa, sendo considerados como "cegos". Assim despertam um sentimento de vergonha que muitas vezes inibe o analfabeto de agir e expressar-se em um contexto onde é preciso usar a leitura e a escrita

Nas análises feitas sobre o sucesso da EJA no processo de superação do analfabetismo podemos dizer que esta é vista positivamente, caracterizando um caminho necessário para a superação do analfabetismo, assumindo um importante significado para os sujeitos pesquisados. A importância da EJA para esses sujeitos refere-se à melhoria de vida e prestígio social. Sair do analfabetismo simboliza a saída de uma condição que constrange o sujeito que não saber ler ou escrever vivendo numa sociedade altamente grafocêntrica, como é o caso da sociedade brasileira contemporânea.

Por fim, foi posto em pauta a questão dos avanços e dos desafios da EJA na atualidade brasileira. Sobre esta questão, chegamos à conclusão de que a EJA avançou por certo período, mas que se encontra hoje ainda sofrendo de certa estagnação. Apesar de se ter muito avançado em estudos e pesquisas, ainda há muito a se fazer por parte dos governantes que parecem esquecer de que é preciso avançar, priorizando questões como a formação dos profissionais que atuam ou irão atuar no campo da EJA, a produção de recursos didáticos e pedagógicos, o investimento financeiro para asseverar a promoção da EJA, influindo, enfim, na qualidade do ensino da educação de jovens e adultos.

Em relação à pesquisa, podemos inferir que na visão dos teóricos, estudiosos e profissionais, a EJA representa uma modalidade de ensino com muitos problemas e desafios a serem alcançados, mas diante dessa pesquisa analisamos que os analfabetos que procuram a EJA, não têm essa noção, e isso se deve necessariamente às condições sociais, políticas e econômicas das quais vivem muitos analfabetos desprovidos de uma

educação conscientizadora, mas que veem na EJA a concretização do sonho de superação da condição de analfabeto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Rio de Janeiro: FAE. 1988.

BRASIL HOJE. **Indicadores sociais para a gestão do município**. Disponível em http: www.brasilhoje.org.br Acesso em 18 de dez. de 2012.

BRASIL.. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. DOU de 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades@**. Disponível em: < http: ibge.gov.br/ cidadesat/topwindow.htm?1. Acesso em nov. 2012.

FERNANDES, Dorgival Gonçalves. Educação de jovens e adultos: Conceitos, sujeitos e práticas educativas. **Interface de saberes.** Caruaru-PE. N.01 e 02. P.33-47, dez/jan, 2004.

_____.**Alfabetização de jovens e adultos:** Pontos críticos e desafios. Porto alegre: Mediação,2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** Rio de janeiro Editora paz e terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ªed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; PIERRO, Maria Clara di. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2007.

GIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da educação brasileira**. 2ªed. São Paulo: Cortez, 2006.

IRELAND, Timothy. A EJA tem agora objetivos maiores que a alfabetização. **Nova Escola**. São Paulo. Ano 24, nº. 223. P. 36-40, junho/julho 2009.

LIBÂNEO, Jose Carlos. **Didática.** São Paulo. Cortez, 1994.

LAVILLE, Christian. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo horizonte: Editora UFMG, 1999.

MATOS, Kelma Socorro Lopes. **Pesquisa educacional:** O Prazer de conhecer. 2ª Ed. rev. e atual. Fortaleza: Editora Demócrito Rocha, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

NAOE, Aline. Analfabetismo no Brasil evidencia desigualdades sociais históricas. **Com Ciência.** Revista eletrônica de jornalismo científico, 10 fev. 2012. Disponível em www.comciencia.br Acesso em maio de 2012

PAIVA, J; MACHADO, M.M; IRELAND,T; **Educação de jovens e adultos**: uma memória contemporânea, 1996-2004. Brasilía: UNESCO, MEC, 2004.

PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; Ribeiro, Vera Masagão; **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Cad. CEDES, v. 21, nº 55, Campinas – SP, Nov. de 2001.
SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise dos paradigmas**. João pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1999.

SILVA, J.M.; Silveira,E.S. **Apresentação de trabalhos acadêmicos**: normas e técnicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VÓVIO, Claudia Lemos; IRELAND, Timothy Denis.(Org). **Construção coletiva:** Contribuições à Educação de Jovens e Adultos. 2ªed., Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2008.Disponivel em: http://www.chicobuarque.com.br/construcao/lit_abordo.htm acesso em: 17/10/2012.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO: EDUCAÇÃO: TEORIAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS
ORIENTADOR: Dr. DORGIVAL GONÇALVES FERNANDES

Esta entrevista faz parte de um estudo sobre a superação do analfabetismo na cidade de Santa Cruz-PB, é requisito pertencente a pesquisa monográfica do curso de especialização em Educação da Universidade Federal de Campina Grande.
Ressaltando que suas respostas servirão apenas para fins acadêmicos e serão mantidas em sigilo. Esperamos contar com sua colaboração.

Entrevista semiestruturada

1- Para você, o que significa ser analfabeto? Como você vê a condição do analfabeto diante da sociedade?
2- A que se deve, segundo o seu ponto de vista, o analfabetismo na cidade de Santa Cruz?
3- O que pode significar, para a comunidade na qual vive, a significativa quantidade de pessoas que não sabem ler e nem escrever?
4- Como ex-aluno da EJA, você acredita que ser possível superar o analfabetismo? Por quê?
5- Explique alguns elementos que contribuíram para motivar você a continuar e concluir os estudos e assim superar o analfabetismo?
6- Em sua opinião, a educação de jovens e adultos contribuiu para a melhoria de sua vida? Em que sentido a EJA contribuiu para melhorar sua vida? O que mudou em sua vida após a conclusão dos estudos?
7- Qual foi o principal motivo que o levou a estudar na educação de jovens e adultos? A existência da EJA em sua cidade o estimulou a voltar continuar a estudar? Por quê?
8- Qual foi a maior dificuldade que você enfrentou como estudante para aprender a ler e a escrever? E em sua opinião, que fatores mais influenciaram para a sua superação do analfabetismo?
9- Em seu ponto de vista, a Educação de jovens e adultos contribuído para superação do analfabetismo na cidade de Santa Cruz?
10- Como ex-aluno da Educação de jovens e adultos, o que representa a EJA para você?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO: EDUCAÇÃO TEORIAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS
ORIENTADOR: DORGIVAL GONÇALVES FERNANDES

Esta entrevista faz parte de um estudo sobre a superação do analfabetismo na cidade de Santa Cruz-PB, é requisito pertencente à pesquisa monográfica do curso de especialização em Educação da Universidade Federal de Campina Grande.
Ressaltando que suas respostas servirão apenas para fins acadêmicos e serão mantidas em sigilo. Esperamos contar com sua colaboração.

QUESTIONÁRIO

Categorias de análise: Caracterização Socioeducacional.

1- Sexo:

a)Masculino
b) Feminino

2- Faixa etária

a) 17 a 25 anos
b) 25 a 35 anos
c) 35 a 45 anos
d) 45 a 50 anos
e) mais de 50 anos

3- Cor:

a) Branca
b) Preta
c) Parda
d) Amarela
e) Indígena

4 -Qual o seu estado civil?
a) solteiro (a)
b) casado (a)
c) viúvo (a)
d) separação legal (judicial ou divórcio)
e) outro

5 - Qual o nível de instrução de seu pai?
a) Sem escolaridade
b) Ensino fundamental (1° grau) incompleto
c) Ensino fundamental (1° grau) completo
d) Ensino médio (2° grau) completo
e) superior

6- Qual o nível de instrução de sua mãe?
a) Sem escolaridade
b) Ensino fundamental (1° grau) incompleto
c) Ensino fundamental (1° grau) completo
d) Ensino médio (2° grau) completo
e) superior

7- Assinale a renda familiar mensal de sua casa:
a) Menos de 1 salário mínimo
b)De 2 a 3 salários mínimos
c) De 3 a 4 salários mínimos
d) De 4 a 5 salários mínimos
e) mais de 5 salários.

8- Profissão que exerce:
a) Aposentado
b) Agricultor
c) Funcionário público
d) Comerciante
e) Autônomo

9- Religião
a) Católico (a)
b) Evangélico (a)
c) Sem religião
d) Outros